

OUTRO TÍTULO DE INTERESSE:

**Água. Um património de Braga.**

Manuela Martins, José Meireles, Luís Fontes,  
Maria do Carmo Ribeiro, Fernanda Magalhães, Cristina Braga

## CAMINHOS DA ÁGUA PAISAGENS E USOS NA LONGA DURAÇÃO

COORD.

MANUELA MARTINS  
ISABEL VAZ DE FREITAS  
M<sup>ª</sup> ISABEL DEL VAL VALDIVIESO

CAMINHOS DA ÁGUA  
PAISAGENS E USOS NA LONGA DURAÇÃO

COORD.  
MANUELA MARTINS  
ISABEL VAZ DE FREITAS  
M<sup>ª</sup> ISABEL DEL VAL VALDIVIESO

## CAMINHOS DA ÁGUA PAISAGENS E USOS NA LONGA DURAÇÃO

COORD.

MANUELA MARTINS  
ISABEL VAZ DE FREITAS  
M<sup>ª</sup> ISABEL DEL VAL VALDIVIESO

### MANUELA MARTINS

Professora Catedrática de Arqueologia do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM. Responsável pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desde 1988. Investigadora responsável pelo "Projeto de Bracara Augusta". Presentemente os seus campos de interesse incidem sobre vários temas relacionados com a Arqueologia e História Urbana, com incidência no urbanismo e arquitetura romana, na história da construção e na problemática do abastecimento, gestão e uso da água na cidade antiga.

### ISABEL VAZ DE FREITAS

Investigadora do CITCEM, doutora em História. É atualmente Diretora do Departamento de Ciências da Educação e do Património na Universidade Portucalense, Infante D. Henrique. Entre as suas áreas de investigação, salientam-se as relações económicas, políticas e sociais no espaço peninsular, bem como as definições e demarcações da paisagem fronteiriça, nos séculos XV e XVI. Tem-se dedicado às questões da Educação em História e à sua didática, desenvolvendo atualmente um projeto na Universidade Portucalense neste âmbito.

### M<sup>ª</sup> ISABEL DEL VAL VALDIVIESO

Professora Catedrática de Historia Medieval. Especialista no estudo da sociedade castelhana do século XV, trabalhou sobre Isabel a Católica, o mundo urbano e a história das mulheres. Desde há mais de uma década, estuda o papel da água nas cidades medievais, sendo atualmente investigadora principal do projeto *Consenso y conflictos en torno al agua en la Castilla bajomedieval*, concedido pelo Ministerio de Ciencia e Innovación. É membro do grupo de investigação *Agua espacio y sociedad en la Edad Media*.

# CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA À CIDADE DE BRAGA NA IDADE MODERNA. O LIVRO DA CIDADE DE BRAGA (1737)

MARIA DO CARMO RIBEIRO\*  
MANUELA MARTINS\*\*

## 1. INTRODUÇÃO

O tecido urbano de Braga na Idade Moderna constitui um palimpsesto repleto de marcas físicas que foram sendo inscritas no plano da cidade ao longo da sua ancestral história ocupacional que remonta aos finais do século I a.C., data em que foi fundada a cidade romana de *Bracara Augusta* (Martins, 2000; 2004).

Graças ao cruzamento de dados de natureza distinta tem sido possível elaborar plantas interpretativas para as grandes fases históricas de ocupação da cidade (romana, medieval, moderna), mas, também, analisar a transformação de aspetos concretos do urbanismo de Braga, designadamente, o sistema viário, o parcelamento, os quarteirões e alguns edificados, considerados estruturantes na morfologia urbana, como acontece, por exemplo, com as muralhas. Igualmente, foi possível perceber que uma grande parte dos componentes da morfologia urbana foi herdada dos períodos anteriores, muito embora, com transformações adaptativas resultantes de novas formas de pensar o espaço urbano (Ribeiro, 2008). Todavia, a análise de uma temática tão complexa como o urbanismo requer, necessariamente, a rea-

---

\* Professora auxiliar da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM. Investigadora do Projeto de *Bracara Augusta*. mcribeiro@uaum.uminho.pt

\*\* Professora catedrática da Universidade do Minho. Investigadora do CITCEM. Responsável pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Investigadora responsável pelo Projeto de *Bracara Augusta*. mmmartins@uaum.uminho.pt

lização de estudos complementares, que permitam caracterizar a sua diversidade e especificidade ao longo da ocupação da cidade.

Este artigo, inserido no âmbito das investigações que procuram analisar a cidade de Braga na longa duração, pretende constituir um contributo preliminar para o estudo do abastecimento de água ao núcleo urbano durante a Idade Moderna, o qual contribui, igualmente, para uma valorização da análise diacrónica do provimento de água à cidade desde a Antiguidade.

O estudo do abastecimento de água pressupõe, necessariamente, a análise de variados aspetos do urbanismo, onde, desde logo, se destacam o local onde a água era captada, os meios e técnicas utilizados na sua captação e posterior condução para chafarizes, fontes, tanques, edifícios públicos e/ou privados. Trata-se, de facto, de uma temática bastante interessante devido à sua complexidade e à necessidade de cruzar diferentes fontes de informação que permitam analisar os vários aspetos relacionados com este elemento indispensável à vida urbana: a água.

Para a concretização dos nossos objetivos utilizámos uma metodologia multidisciplinar, baseada no cruzamento dos dados fornecidos por diferentes fontes de informação, dando particular destaque a uma fonte escrita – *o Livro do tomo dos bens e propriedades, foros e pensões pertencentes ao senado da câmara secular desta cidade de Braga*, existente no Arquivo Municipal de Braga, que passaremos a designar como *Livro da Cidade*, datado de 1737. Todavia, e ainda que a supracitada fonte documental constitua a base mais sólida e relevante para o presente trabalho, foi igualmente ensaiado o seu cruzamento com outras fontes de informação<sup>1</sup>. Referimo-nos, concretamente, às fontes iconográficas e cartográficas disponíveis, designadamente ao *Mapa de Braunio*, datado de 1594, ao *Mapa da Cidade de Braga Primas* e ao *Mapa das Ruas de Braga*, ambos de meados do século XVIII. Foram ainda pontualmente utilizadas as fontes materiais, nomeadamente o edificado histórico, enquanto vestígio material sobrevivente e parte integrante do tecido urbano atual<sup>2</sup>.

O presente trabalho encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira ire-

---

<sup>1</sup> As citações documentais serão feitas em itálico, normalizando a ortografia e a pontuação.

<sup>2</sup> Neste contexto, cabe-nos valorizar a profusão e o potencial das fontes escritas existentes para Braga que permitem estudar o abastecimento de água à cidade desde a Idade Média e outros aspetos interligados, designadamente, o reconhecimento detalhado do tecido urbano. A título de exemplo, refiram-se os fundos notariais, os fundos eclesiásticos do Cabido e da Mitra existentes no Arquivo Distrital de Braga, nomeadamente os *Tombos das Propriedades*, os *Livros dos Prazos das Propriedades*, referentes ao período entre 1465 e 1517, os *Prazos das Casas do Cabido*, mas, também, o fundo monástico-conventual, designadamente os documentos de *licenças para encanação de água*, bem como outras fontes diversas, como as Memórias Paroquiais de 1758, objecto de publicação sistemática para todo o reino por parte do nosso colega José Viriato Capela.

mos tecer alguns considerandos sobre os antecedentes do abastecimento de água à Braga setecentista (2); na segunda, iremos proceder à abordagem da temática em apreço, começando por proceder a uma breve apresentação do *Livro da Cidade*, de 1737 (3), para depois, e a partir do referido documento, se analisar a caixa geral das águas da cidade (3.1); as zonas de captação (3.2) e, por fim, a rede de distribuição urbana (3.3), designadamente os chafarizes (3.3.1) e as fontes de água (3.3.2).

## 2. BREVES CONSIDERANDOS SOBRE OS ANTECEDENTES DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA À BRAGA SETECENTISTA

A cidade de Braga localiza-se numa das regiões com maior índice de pluviosidade de Portugal e com a mais extensa rede hidrográfica do país, beneficiando, a norte, da bacia hidrográfica do rio Cávado e, a sul, da bacia hidrográfica do rio Ave. Numa escala mais aproximada, num raio de cerca de 1.000 m, a cidade beneficia, igualmente, do rio Este, que corre a sul, e que permanece atualmente à superfície, muito embora encanado em algumas partes do seu trajeto.

Todavia, a cidade terá usufruído de outros cursos de água, designadamente, de um que corria a norte, com origem sensivelmente na área do atual Jardim de Santa Bárbara cujo percurso coincidiria aproximadamente com a atual R. do Souto, em direção ao local onde se situa um balneário pré-romano, localizado e musealizado sob as instalações atuais da Estação dos Caminhos de Ferro de Braga (Lemos *et al.*, 2003). Este curso de água encontra-se ainda cartografado na carta militar 1:25000, sendo igualmente perceptível na fotografia aérea de 1938-48.

As escavações arqueológicas realizadas na área urbana de Braga permitiram identificar vários vestígios da cidade romana, correspondentes a um amplo período cronológico, que testemunham vários aspetos relacionados com a exploração e uso da água, documentando, também, a abundância de água ao nível do subsolo (Martins & Ribeiro, 2010). Refiram-se, a título de exemplo, os sítios da atual Rua do Caires, onde as escavações permitiram identificar estratos sedimentares que comprovam a riqueza aquosa do local, ou a zona da atual Avenida da Liberdade, onde a abundância de água aparece igualmente sugerida pelo topónimo moderno de «Rua da Água», e pela localização do santuário pré-romano, conhecido como Fonte do Ídolo, dedicado a uma divindade fluvial chamada *Tongoenabiago* (Garrido Elena *et al.*, 2008).

De facto, a polivalência dos recursos hídricos terá sido um dos fatores que estiveram na génese da ocupação e exploração do território bracarense, designadamente desde a época romana (Martins, 1990), bem como um aspeto extremamente importante na vida da cidade nos períodos posteriores (Martins e Ribeiro, 2010).



A profusão de água em Braga encontra-se igualmente atestada nas fontes escritas do período moderno, situação que terá levado à intervenção de alguns arcebispos, como foi o caso de D. Diogo de Sousa, nos inícios do século XVI. Entre muitas outras obras públicas, este arcebispo mandou fazer a fonte que estava a par da Igreja de N.S. A Branca<sup>3</sup>, no local onde *não havia senão um charco de água*, ou a Fonte de S. Marcos<sup>4</sup>, que *dantes era um charco*, como aparece referido no *Memorial* das suas obras<sup>5</sup>.

Todavia, apesar da abundância de água natural que terá caracterizado a cidade desde a Antiguidade, persistem algumas dúvidas quanto aos locais onde era captada, quer no que se refere aos existentes na própria cidade, quer no que se refere aos periféricos ao núcleo urbano (Carvalho e Ribeiro, 2009).

Atendendo às próprias dimensões da cidade na Alta Idade Média, o abastecimento de água intramuros seria feito, em larga medida, através de poços. Refira-se, a este propósito, que o espaço urbano alto medieval estava delimitado a norte pela reutilização da muralha romana baixo-imperial, que passava a pouco metros do lado norte da Sé Catedral, correspondendo a cerca de metade do espaço que foi rodeado pela muralha fernandina, nos finais do século XIV (Fontes *et al.*, 2009).

Todavia, com alguma probabilidade, alguns dos aquedutos romanos que transportariam a água para a cidade (Martins e Ribeiro, 2012) devem ter permanecido em funcionamento, ainda que sem grande manutenção, o que terá determinado o seu colapso em momento incerto, justificando os problemas de falta de água que a cidade irá sofrer, frequentemente referenciados na documentação histórica.

Terá sido com o próprio alargamento da muralha no século XIV que aumentou a necessidade de obter água potável para abastecer a cidade, procurando-se novas fontes de aprovisionamento ou, com alguma probabilidade, retomando-se algumas já existentes. Referimo-nos, concretamente, às nascentes de captação localizadas na periferia da cidade, já utilizadas pelos romanos, mas também, à reutilização das condutas gerais e de distribuição urbana romanas.

---

<sup>3</sup> A.D.B., *Registo Geral*, livro 330, fl. 331v. onde se lê: *Fez a fonte que está a par da dita igreja de Santa Maria a branca de novo, onde não havia senão um charco de água, onde nascia a dita fonte e a fez virar e correr para a cidade, com seu chafariz, peitoril e ameias.*

<sup>4</sup> A.D.B., *Registo Geral*, livro 330, fl. 332 onde se lê: *Fez a fonte de S. Marcos de novo com seu chafariz, peitoril e ameias da forma em que ora esta, no meio do dito caminho, a qual dantes era um charco sem nenhuma serventia para o caminho de Guimarães, salvo da parte de cima por um caminho muito estreito por onde não passava besta.*

<sup>5</sup> As obras realizadas na cidade por D. Diogo de Sousa encontram-se descritas num documento intitulado *Memorial das Obras que D. Diogo de Sousa mandou fazer (1532-1565)*, realizado pelo cônego Tristão Luís, pertencente ao A.D.B., *Registo Geral*, livro 330, fls. 329-334v. Este documento foi publicado por Ferreira 1928-1934, vol. II; Costa 1993 e Maurício 2000, vol. II.

As fontes escritas medievais revelam, não só as preocupações para melhorar a captação deste bem essencial, como também as dificuldades existentes no abastecimento geral de água ao centro urbano. Através da sua análise ficamos a saber que, no segundo quartel do século XV, a água recolhida na cidade, através de poços ou fontes, não era suficiente para satisfazer todas as necessidades da cidade, tendo que ser captada na periferia, a cerca de uma légua de distância (aproximadamente 5 km), sendo conduzida *através de canos de pedra encobertos* para a cidade, para abastecer fontes, tanques e lavadouros (Marques, 1980). Os documentos permitem, igualmente, atestar que a cidade se debateu com problemas sérios de falta de água neste período, pois, não só a água que *antiigamte sohiia de viir ... de fora della per canos e que ainda hi estavam os vãos e lavatórios que pêra ello foram fectos*<sup>6</sup>, deixara de vir, como também, as fontes, tanques e lavadouros estavam arruinados e secos (Marques, 1980).

Assim sendo, a aquisição de água na periferia e a sua condução para a cidade através de canos encobertos é anterior ao século XV. Podemos admitir que, com o alargamento da cerca medieval e o crescimento da cidade no século XIV, terão sido retomadas partes do sistema romano de abastecimento de água à cidade, mercê de trabalhos de reabilitação e conservação dos aquedutos.

A referida falta de água na cidade terá constituído um problema grave e com largas proporções, provocada em grande medida, segundo José Marques (1980), pela ineficaz administração municipal e régia vivida no segundo quartel do século XV, situação que contrastava com a anteriormente vivida, nos tempos da administração eclesiástica. Vale a pena aqui recordar que, desde 1112 e até 1790, a cidade de Braga e o seu couto constituíram um senhorio eclesiástico, condição que fez com que os arcebispos se tornassem os *senhores de Braga*, sendo, portanto, os grandes responsáveis pelas obras públicas da cidade. Esta situação só será definitivamente alterada em 1790, com a sua integração definitiva na coroa. Todavia, tempos houve em que o Senhorio de Braga foi incorporado na jurisdição régia, ou seja, períodos de Sé Vacante, como o período em questão, ou seja, no segundo quartel do século XV, mas, também, entre 1728 e 1741, período em que foi escrito o *Livro da Cidade de Braga*, que analisaremos mais adiante.

Dos locais de captação de água dentro das muralhas, mencionados indiretamente nos documentos escritos medievais, sobressaem as referências a poços, a um cano de água e à Fonte de S. Geraldo.

Apesar do levantamento da totalidade dos poços que existiriam na cidade medieval não estar concluído, sabemos que eram muitos, sendo possível referir alguns, designadamente, para o século XIV, um na Rua de Nossa Senhora do Lei-

---

<sup>6</sup> A.D.B., *Gaveta de Braga*, n.º 26 (Marques, 1980: 129-130).

te, medieval Rua de Oussias, numas *casas que chamam do poço*<sup>7</sup>, outro, no cimo da Rua do Souto<sup>8</sup> e outro ainda na Rua Paio Manta<sup>9</sup> (totalmente destruída com a abertura da Rua Afonso Henriques).

Contudo, as referências para o século XV aumentam significativamente, nomeadamente, para a Rua do Souto<sup>10</sup>, onde existiriam 4 poços, mas, também, para a Rua de Maximinos, onde se documenta um poço<sup>11</sup> numa casa torre. Existem ainda referências relativas à Rua D. Gonçalo Pereira<sup>12</sup>, onde existiria um poço municipal, documentado desde meados do século XV<sup>13</sup>, numas casas conhecidas como «*Casas do Poço*», situadas no extremo nordeste da rua. Este poço, que sobreviveu até ao século XIX, deverá ter constituído um dos mais importantes da cidade medieval. As casas onde se situava aparecem ilustradas no *Mapa das Ruas de Braga*, do século XVIII, correspondentes ao número 11, como se pode observar na figura 1.

Uma das menções mais interessantes do abastecimento de água à cidade medieval é a que se refere a um *cano*. As primeiras referências, datadas dos finais do século XIV, utilizam esta conduta como marcador para localizar algumas ruas, como é o caso da Rua do Souto<sup>14</sup> e da Rua de Oussias<sup>15</sup>, atual Rua de Nossa Senhora

<sup>7</sup> A.D.B., 1.º Livro do Tombo do Cabido (1369-1380), fls. 121-121v. onde se lê: na Rua de Oussias... da mão esquerda em redor primeiramente: as casas que chamam do poço em que mora Pero Bermel, ...

<sup>8</sup> Pergaminhos da Confraria de São João do Souto, n.º 51 (1337 – Junho, 4 – Rua do Souto) onde se lê: Estêvão Dornelas empraza a Alda Lourenço metade de umas casas da Rua do Souto, sitas entre o portal da referida rua e o poço (Marques, 1982).

<sup>9</sup> A.D.B., 2.º Livro de Tombo do Cabido [1393-1394], fl. 69, Rua de Paio Manta como vai desde a cruz ante o forno da Infanta para a albergaria de Rocamador primeiramente da mão direita como vão para a dita albergaria... As casas grandes com sua torre e pomares e poço em que morou Martim Domingues Mestre-Escola...

<sup>10</sup> A.D.B., 2.º Livro dos Prazos do Cabido (1475-1492): um, como se lê no fl. 65, ... Martim de Guimarães faça divisão per meio do dito poço...; outro no fl. 38v., onde se lê: ... Pêro Bravo haja as ditas casas e exido e faça benfeitorias de juis que melhore (...) e faça um poço no dito exido ou na dianteira das ditas casas a três anos; outro no fl. 225v., onde se lê: – Rua do Souto – Prazo feito a João Gonçalves, emprazaram novamente com o seu exido e cavalariças e poço a João Gonçalves, seleiro, morador em Braga.

<sup>11</sup> A.D.B., 1.º Livro dos Prazos Prazos do Cabido (1465-1475), fl. 21: onde se lê: ... Rua de Maximinos em que o dito João Rodrigues ora mora com sua Torre e pertenças e exidos e poço...

<sup>12</sup> A atual Rua D. Gonçalo Pereira conheceu o designativo de Rua da Erva na Idade Média. No século XV passa a ser designada por Rua da Judiaria, depois Rua de Santa Maria ou do Poço (Ribeiro, 2008: 416-420).

<sup>13</sup> A.D.B., 1.º Livro dos Prazos das Propriedades do Cabido, fl. 5v., de 8 de Maio de 1466, onde se lê ... desde o poço e entradas dos judeus para contra Santiago...

<sup>14</sup> A.D.B., 1.º Livro do Tombo do Cabido (1369-1380), fls. 117-117v., onde se lê: Rua do Souto desde o cano como vai da mão direita até à porta do muro.

<sup>15</sup> A.D.B., 1.º Livro do Tombo do Cabido (1369-1380), fls. 121-121v., onde se lê: Rua das Oussias como vem do cano do canto ataa à porta do Sol da Sé.

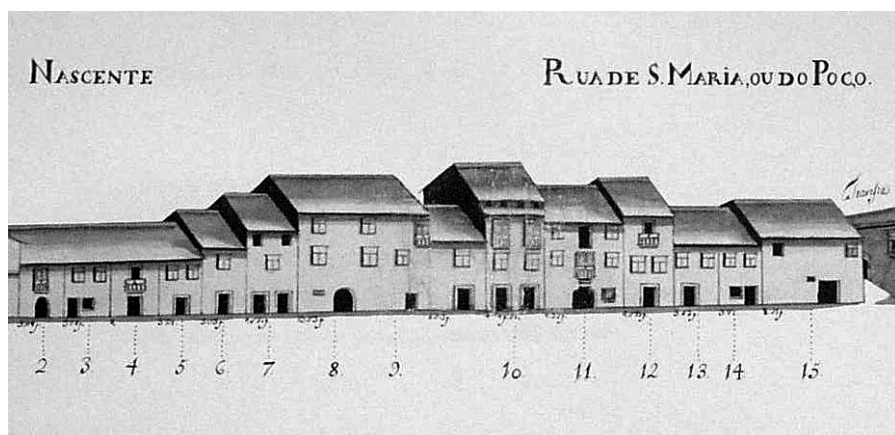


Figura 1. Casa do Poço, correspondente ao número 11, no *Mapa das Ruas de Braga*.

do Leite. Através delas ficamos a saber que o referido cano, cuja proveniência é desconhecida, passava pela rua que ladeava a cabeceira da Sé Catedral e chegava até ao início da Rua do Souto, onde se fazia um canto, em resultado da junção das referidas ruas. Segundo alguns autores esta conduta abasteceria a Fonte de S. Geraldo, que deveria constituir a principal fonte de água da cidade medieval (Freitas, 1890). Apesar das reservas quanto à sua localização, com alguma probabilidade a Fonte de S. Geraldo deveria situar-se nas imediações da Sé Catedral, correspondendo à que é mencionada no século XVIII, como subterrânea, da qual ainda restam vestígios, sob a Igreja da Misericórdia.

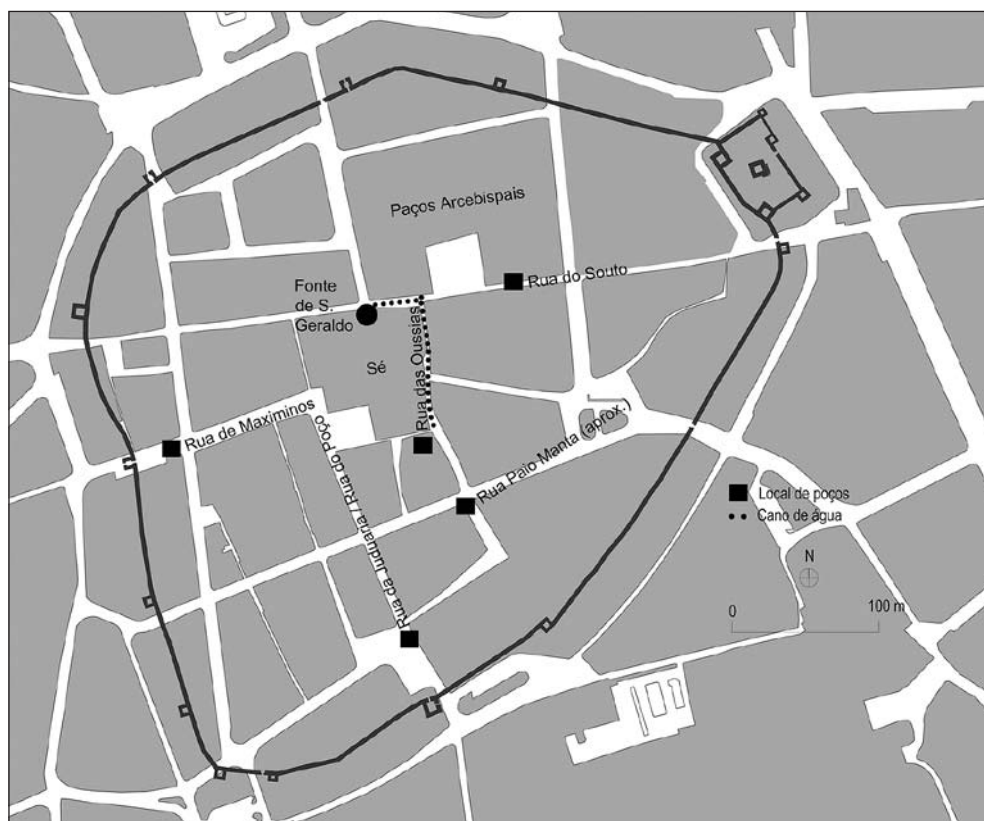
Para além da referida fonte de água, o *cano* abastecia outros locais, designadamente o Paço dos Arcebispos, nas proximidades do qual é mencionada a existência de um cano<sup>16</sup>.

O cano de água constituía, certamente, uma conduta de distribuição urbana que, com grande probabilidade, transportava água da periferia, prática que aparece mencionado nos documentais medievais, já referidos, obtida nas nascentes localizadas a cerca de uma légua de distância (5 km).

Dada a antiguidade da referência à sua existência, feita nos finais do século XIV, época em que na maior parte das cidades a água não era captada a grandes distâncias, sendo antes obtida diretamente de poços e nascentes, podemos admitir que estaremos perante uma conduta reaproveitada do período romano. Apesar dos necessários restauros e melhoramentos que terá conhecido, deveria tratar-se

<sup>16</sup> A.D.B., 1.º Livro de Tombo do Cabido, fl. 118, onde se lê: *uma casa ante o cano que esta junto com o paço do arcebispo*.





**Figura 2.** Locais de captação de água na Idade Média, referidos no texto.

de um cano com alguma solidez que abastecia a zona mais importante da cidade medieval, o centro religioso. Cabe referir que durante o período romano, no local onde se encontra a Sé Catedral, terá existido um edifício público que, com alguma probabilidade, poderá ter correspondido a um mercado (*macellum*), para o qual era necessário canalizar considerável quantidade de água (Fontes *et al.*, 1997-98; Martins, 2004).

O crescimento demográfico e económico registado em Braga, a partir do século XVI, terá contribuído para aumentar a necessidade de encontrar novos locais de aprovisionamento de água, quer seja dentro do espaço urbano, quer seja na periferia.

A documentação escrita permite igualmente avaliar os sucessivos melhoramentos e ampliações realizados no aprovisionamento de água à cidade, acompanhando o próprio desenvolvimento urbano, quer seja através da abertura de novos poços em diversos pontos da cidade, como aconteceu na última metade do século XV, na

Rua do Souto<sup>17</sup>, quer seja através da renovação, melhoramento e embelezamento de fontes e chafarizes já existentes, como terá ocorrido, por exemplo, no tempo de D. Diogo de Sousa, com uma das fontes mais antigas da cidade, a Fonte de S. Geraldo, mas, também, com a Fonte da Carcova<sup>18</sup> e com o Chafariz do Paço dos Arcebispos<sup>19</sup>.

Haverá, necessariamente, que fazer a distinção entre o que são os locais de captação para uso doméstico/privado, como os poços que aparecem referidos como propriedade emprazada nos documentos, designadamente nos Tombos do Cabido e nos Livros dos Prazos das Propriedades do Cabido, e os locais de abastecimento públicos como as fontes, lavadouros ou tanques.

Relativamente aos poços, refira-se que, nalguns casos, eram os próprios detentores do prazo que estavam obrigados à sua construção, muito embora mediante certas condições, como se pode ler no num prazo do Cabido, referente à Rua do Souto ... *Faça abrir no exido das ditas casas um poço de água, cavando altura de 7 braços em alto em achando água na dita altura que não seja obrigado a fazer poço se não quiser*<sup>20</sup>.

Por outro lado, os locais para uso público, designadamente as fontes e chafarizes, irão conhecer uma importância acrescida no arcebispado de D. Diogo de Sousa (1509-1534), com a aplicação dos ideais renascentistas ao espaço urbano, através da abertura e/ou regularização de algumas praças, mas, também, na fisionomia e arquitetura dos edifícios mais emblemáticos da cidade, como a Sé Catedral, o Paço dos Arcebispos e o Castelo. Na realidade, D. Diogo de Sousa levou a cabo uma das intervenções urbanísticas mais importantes de Braga, concedendo um lugar particular às obras hídricas, designadamente à construção de chafarizes e fontes de água, ou à reparação dos já existentes, bem como à criação de sistemas de condução de águas, que na época corriam abundante e livremente no solo<sup>21</sup>.

A cidade de Braga acompanha, assim, as grandes tendências europeias que, sobretudo a partir do Renascimento, defendiam o embelezamento das cidades e a criação de espaços cénicos. Paralelamente, os chafarizes e as fontes de água multiplicam-se, dotados agora de uma estrutura mais faustosa, fruto de formas elaboradas e de decoração escultória e arquitetónica.

---

<sup>17</sup> A.D.B., 2.º Livro dos Prazos das Propriedades do Cabido (1475-1492), fl. 38v. e 3.º Livro dos Prazos das Propriedades do Cabido (1466-1500), fl. 50.

<sup>18</sup> Fonte atualmente oculta, localizada na atual Rua dos Capelistas.

<sup>19</sup> A.D.B., Registo Geral, Livro 330.

<sup>20</sup> A.D.B., 3.º Livro dos Prazos das Propriedades do Cabido (1466-1500), fl. 50.

<sup>21</sup> A.D.B., Registo Geral, Livro 330.

Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII vários outros arcebispos intervieram no abastecimento público de água à cidade de Braga, designadamente D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728), que mandou proceder à canalização das águas da cidade (Freitas, 1890) e D. José de Bragança, que mandou construir as fontes de Infias e dos Pelames (AAVV, 1989-91), cujas pedras de armas se encontram nas capelas das Sete Fontes, complexo de mães de água que mandou monumentalizar. Paralelamente, sobretudo a partir dos finais do século XVII, a Câmara terá investido fortemente na captação de água, tendo os trabalhos realizados incidido principalmente na zona das Sete Fontes.

Para o século XVIII, o Padre Luís Cardoso refere que em Braga existiriam mais de 70 fontes perenes, entre públicas e particulares, algumas de maravilhosa arquitetura, como seria o caso do Chafariz da Porta do Souto e a Fonte de S. Sebastião. Algumas deitavam água por 6 bicas, outras por 4 e outras por 2. O mesmo autor acrescenta ainda que existiam mais de 800 poços, em quintais, jardins e hortas (Cardoso, 1761: 249).

De facto, o século XVIII corresponde a um período de grande crescimento urbanístico e populacional. Em termos demográficos a Braga dos inícios do século XVIII teria aproximadamente 15 000 habitantes, estimados a partir dos 3 500 fogos, sendo a sua população em meados do mesmo século, segundo os 4 039 fogos atribuídos pelo Padre Luís Cardoso, de cerca de 17 000 habitantes (AAVV, 1989-91).

O aumento demográfico impulsionou o grande surto urbanístico que a cidade conheceu desde a primeira metade do século XVIII. Para além das grandes obras de natureza eclesiástica merecem particular destaque as obras de índole secular. Entre estas, sobressaem a criação de novo bairro habitacional, o Bairro da Gavieira (do Quinteiro ou do Reduto) e a construção de edifícios destinados à habitação, bem como as obras que se relacionam com o provimento de água, designadamente a construção de aquedutos, chafarizes e poços (AAVV, 1989-91).

As fontes de informação disponíveis para o século XVIII constituem um precioso instrumento para documentar o abastecimento de água à cidade na Idade Moderna. Referimo-nos, às fontes iconográficas, concretamente, ao *Mapa da Cidade de Braga Primas*, ao *Mapa das Ruas de Braga* e às fontes escritas.

Todavia, a generalidade dos documentos escritos oferece informações fragmentadas acerca do abastecimento de água à cidade, obrigando ao manuseamento e à análise exaustiva de uma grande variedade de documentos.

Como exceção a este panorama, encontra-se o já referido, *Livro da Cidade*, produzido pelo Senado de Braga, com o objetivo de *fazer tombo, medição e demarcação* das suas propriedades.

### 3. O LIVRO DA CIDADE DE 1737

*O tombo dos bens e propriedades, foros e pensões pertencentes ao senado da câmara secular desta cidade de Braga*, designado *Livro da Cidade*, produzido em 1737, encontra-se estruturado em três partes, contendo, a primeira, os *Papéis pertencentes à fazenda do senado de 1540* e, a segunda, os *Autos e vistorias da câmara* e, a terceira as *Petições e mais requerimentos e outros papéis*. Nos seus fólios iniciais, é redigida a apresentação do referido tombo, dando-se a conhecer os motivos que presidiram à sua elaboração, mas, também, o conjunto de procedimentos logísticos e burocráticos que estiveram na origem da sua execução, onde se incluem as necessárias petições feitas às diferentes entidades com importância na cidade, designadamente ao rei D. João V (1707-1750) e ao Cabido de Braga, entre outras. De facto, desde a morte do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728) e até ao provimento de D. José de Bragança (1741-1756) foi o Cabido que assegurou o governo do Arcebispado bracarense, em período de Sé Vacante, tal como já referido.

À semelhança do que ocorre no século XVIII com o Cabido bracarense (AAVV, 1989-91), também a câmara secular sentiu necessidade de meter cobro à situação de desorganização em que se encontravam as suas propriedades e terras:

*Diz o Senado da Câmara da cidade de Braga que há muitos anos, que as suas propriedades e terras que o dito senado possui, e a ele pertencem como senhor delas não estão atombadas, nem demarcadas e por assim ser, muitas delas estão alheadas e usurpadas por várias pessoas, com quem demarcam e confrontam, e em breve tempo pertençam com maior detrimento (prejuízo) do dito senado, e porque quer o suplicante obviar este prejuízo e evitar duvidas e demandas, e fazer tombo, medição e demarcação das ditas propriedades e meter «marcos» entre as propriedades com quem partem e confrontam, pede a vossa Majestade que ele faça menção mandar passar provisão para o bacharel Gonçalo António Peixoto de Vasconcelos, juiz de fora que actualmente é na dita cidade fazer o dito tombo e demarcações e conhecer sobre as dúvidas que demoverem e que possa nomear escrivão e receberam mercê<sup>22</sup>.*

O tipo de bens da câmara secular de Braga a inventariar ficou bem expresso:

*... todas as casas, móveis, cartório, capelas, praças, açougues, alfandega e castelo pertencentes ao mesmo senado: cruzeiros, fontes e chafarizes, de que o mesmo está de posse...*<sup>23</sup>

Trata-se, de facto, de um documento de singular importância para o estudo do urbanismo da cidade de Braga. Ainda que sincrónico e parcial, arrolando apenas as

---

<sup>22</sup> A.M.B., *Tombo dos bens e propriedades, foros e pensões pertencentes ao senado da câmara secular desta cidade de Braga*, 1737, fl. 16v. Doravante, referiremos este tombo por *Livro da Cidade*.

<sup>23</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 25v.



propriedades do senado, constitui um instrumento de trabalho bastante promissor em diversas áreas. A referida obra oferece dados extremamente detalhados do ponto de vista da morfologia e arquitetura dos edifícios, das praças e ornato público, facultando igualmente dados bastante consistentes acerca do aprovisionamento de água a Braga. Entre as inúmeras informações que fornece revelam-se de particular importância para este trabalho as que se relacionam com os chafarizes, as fontes e a caixa geral das águas da cidade.

### 3.1. A caixa geral das águas da cidade

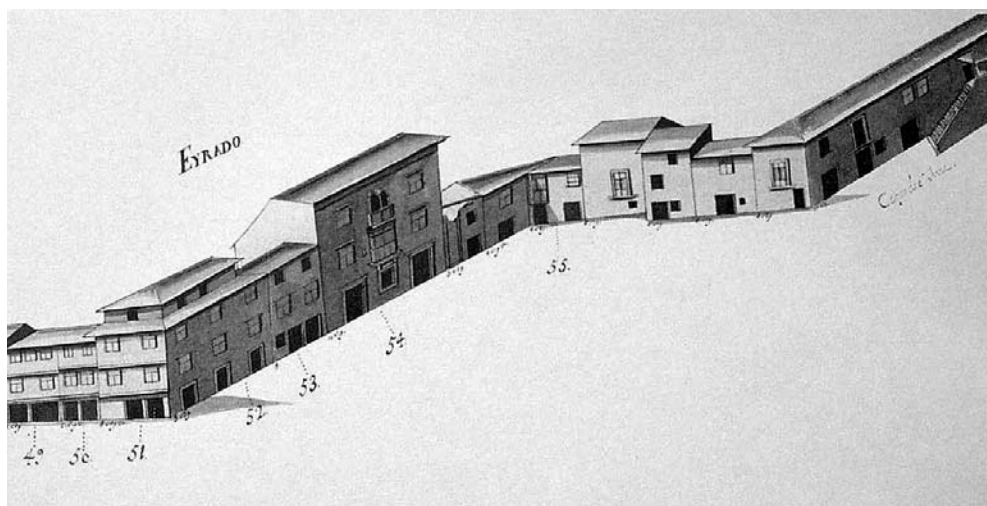
O senado da câmara municipal de Braga possuía no século XVIII uma caixa geral das águas integrada numas casas sobradadas e telhadas, localizadas no Rossio do Eirado dos Chãos, sensivelmente no início da atual Rua do Chãos. A partir da descrição do *Livro da Cidade* podemos saber qual a sua localização precisa, bem como outros pormenores, como as dimensões ou características da fachada, ou o número e o tipo de aberturas. Muito embora atualmente já não existam, assim como a própria caixa geral das águas da cidade, estas casas podem ser localizadas no *Mapa das Ruas de Braga*. Esta possibilidade resulta do facto de no *Livro da Cidade* constar uma descrição detalhada das casas e de se conhecerem os nomes dos residentes daquelas com que confrontam, sobretudo a partir do *Índice dos Prazos das Casas do Cabido* (AAVV, 1989-91). Como se pode observar na figura 2, as casas onde se encontrava a caixa geral das águas seriam as que se seguem ao número 54.

*Tem estas ditas casas da caixa geral das águas desta cidade, sitas no dito Rossio do Eirado dos Chãos da parte do campo de Santa Ana, as quais são sobradadas e telhadas e tem de comprido de norte a sul, pelo nascente, 6 varas e meia e pelo poente, outras tantas, com a grossura das paredes e tem de largo, de nascente a poente, pela cabeça do norte 4 varas e meia e pela do sul outras tantas também com a grossura das paredes. Partem estas casas do nascente com as casas do concelho que possui Dionísio Machado e sua mulher e do poente com as casas de João Ferreira, estalajadeiro e sua mulher e do norte com as casas do mesmo João Ferreira, foreiras ao Ilustríssimo cabido e do sul com o rossio público, do eirado...*<sup>24</sup>.

*Tem estas casas suas serventias para o sul, pelo rexio público do Eirado da parte do Campo de Santa Ana e para onde tem uma porta na loja e por cima dela suas janelas de peitoril no sobrado e tem umas frestas com suas grades de ferro para o mesmo rossio que dá luz. A caixa da água e a sua janela para o sul de serventia para o muro por onde vem o cano da água...*<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 109v.

<sup>25</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 110.



**Figura 3.** Localização das casas onde se encontrava a caixa geral das águas, no *Mapa das Ruas de Braga*, a seguir ao número 54.

A caixa geral das águas era uma estrutura de pedra, alta e feita de esquadria, que tinha dentro um arco grande, por onde entrava a água. Para ela confluía a água proveniente de diferentes locais e a partir dela era feita a redistribuição da mesma para o centro urbano, através de cinco canos, que canalizavam a água para cinco sítios distintos.

À semelhança do que ocorre desde a Antiguidade, era extremamente importante assegurar que a água captada em zonas distantes chegasse a um reservatório de repartição urbano, a partir do qual era distribuída para diferentes locais da cidade.

Por exemplo, os romanos, detentores de um elaborado sistema de distribuição de água urbana, utilizavam já um reservatório de água, designado de *castellum aquae* ou *castellum divisorium* que recebia a água dos aquedutos e depois a distribuía para fontanários e balneários das cidades (Adam, 1994; Mays, 2009).

Para a Idade Moderna, período em que se assiste à modernização dos sistemas de abastecimento de água às cidades, designadamente através da construção de grandes aquedutos, estes reservatórios poderiam assumir-se como simples arcas, como acontece, por exemplo, na cidade de Lugo (Álvares Asorey *et al.*, 2001), ou como grandes depósitos, como o Reservatório da Mãe de Água das Amoreiras, em Lisboa, construído entre 1746 e 1834. Este último, atualmente integrado no Museu da Água, possuía no seu interior uma considerável cisterna que recebia e distribuía a água do Aqueduto das Águas Livres de Lisboa, mandado construir pelo Rei D. João V (Caseiro *et al.*, 1999).

A data da construção da caixa geral das águas de Braga, existente no século XVIII, é desconhecida, sendo contudo anterior a 1734, data da elaboração da fonte documental que a refere, o *Livro da Cidade*.

O sítio onde se localizava e a sua correlação com os dados que referem a proveniência da água que a ela chegava, que apresentaremos posteriormente, permitem-nos equacionar a antiguidade desta caixa de água, que inclusivamente poderá resultar da reutilização de um anterior *castellum aquae* romano, que se localizaria no mesmo local (Martins e Ribeiro, 2012).

Com alguma probabilidade esta caixa geral de água terá sido trasladada no século XIX para junto do castelo medieval, local onde atualmente existe uma caixa de água. Em virtude de serem desconhecidas referências escritas à existência desta última e às suas características construtivas e tendo em conta as destruições realizadas nos edifícios do Largo do Eirado, é possível que a caixa de água atualmente existente corresponda à referida no *Livro da Cidade*, trasladada aquando das transformações urbanas deste setor da cidade (Ribeiro, 2008).

Refira-se que toda a zona em redor do castelo medieval foi ao longo do século XIX fortemente alterada com a destruição de parte das casas do largo do Eirado, mas, também, com as correções ao traçado da Rua dos Chãos de Baixo e com a demolição da cadeia e da quase totalidade do castelo medieval. Estas transformações urbanas ditaram, igualmente, a construção de novos edifícios, não só na zona do antigo castelo, como no largo do Eirado, designadamente do atual edifício do Banco de Portugal.

### 3.2. Zonas de captação de água

A água que chegava a esta caixa geral era captada num poço numa quinta perto da Igreja de S. Vicente, mas, fundamentalmente, nas nascentes localizadas nos montes situados no território a nordeste da cidade, designadamente em Montariol, Sete Fontes e Gualtar. Posteriormente, era conduzida por canos de pedra e alcatruzes até à caixa geral.

*Toda a água desta caixa geral vem toda por canos de pedra e alcatruzes das bouças do maragoto de Gualtar, fazenda do pinheiro de Montariol, lugar de Passos e também de um poço que está em um quintal junto da capela de São Vicente. Agora novamente por estas serem poucas se lhe acrescentam outras novas, que se andam tirando das ditas bouças do maragoto, uma que sai à cancela de velpilheira fora no monte, outra no olival que está junto às 7 fontes no caminho que sai para montozinhos e outra que se tirou dentro das mesmas bouças, todas saem às arcas velhas e canos desta cidade<sup>26</sup>.*

<sup>26</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 112.

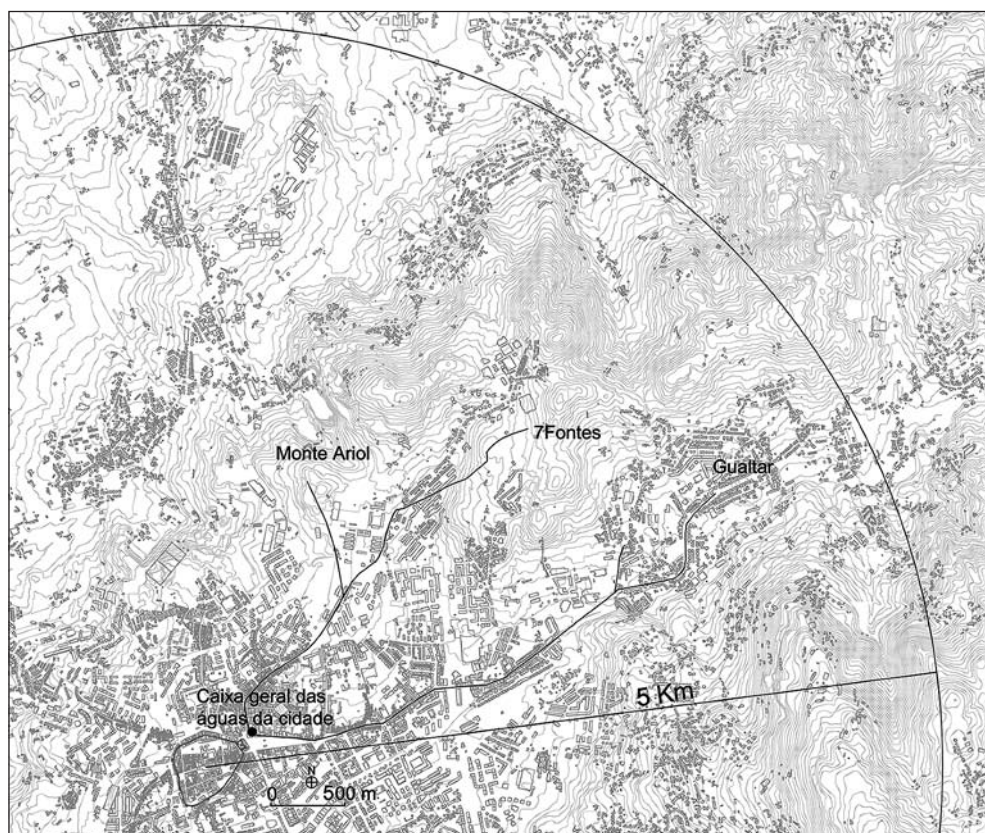


Figura 4. Zonas de captação de água para a caixa geral das águas, com o traçado das vias romanas.

Das condutas de água referidas no *Livro da Cidade* apenas é possível comprovar a existência material da conduta que provinha das Sete Fontes, bem visível ainda à superfície na zona da captação e cujo cano principal passava junto da Igreja de S. Vicente, seguindo pela Rua dos Chãos, onde existiam respiros e caixas de distribuição. A alusão feita no 4.º *Livro do Tombo das Propriedades do Cabido* (A.D.B.), datado dos finais da Idade Média, a um cano de água que passaria nos Chãos, permite supor que, quer os locais de captação a norte, quer a conduta, serão muito anteriores ao século XVIII, muito embora possam ter sido sucessivamente renovados e requalificados.

Quando procurámos cartografar o provável trajeto destas condutas, desde as nascentes até à caixa geral de água, fomos forçados a considerar que o percurso mais viável seria o que acompanhava as antigas vias romanas, designadamente a Via XVIII, para Astorga, que seguiria pela Rua dos Chãos de Baixo, passando entre Montariol e as Sete Fontes e a Via XVII, para Astorga por Chaves, que passaria por



Gualtar, lugar onde foram recuperados vestígios de um aqueduto romano que com alguma probabilidade se dirigia para a cidade, acompanhando aquela via romana (Carvalho & Ribeiro, 2009; Martins e Ribeiro, 2012).

Face às características topográficas da envolvente próxima de Braga, os locais apontados para a obtenção de água no século XVIII, constituem as alternativas mais viáveis e vantajosas para o abastecimento da cidade. De facto, para sul, verifica-se uma pendente em direção ao vale do rio Este, facilitando o escoamento das águas mas não a sua captação, enquanto para a parte norte e nordeste se desenvolvem as vertentes dos montes onde as nascentes são abundantes e cujo pendor permitia a sua fácil condução para a cidade. Igualmente, as características topográficas desses locais, com altitudes que oscilam entre os 250 e 300 m de altitude, quando comparadas com a cota em que a caixa geral da água se encontraria, sensivelmente 194 metros de altitude, são bastante favoráveis à condução da água, evitando-se, assim, a construção de estruturas aéreas para o seu transporte, o que parece justificar o facto de Braga nunca ter tido um aqueduto aéreo monumental.

Por fim, as referências existentes desde a Idade Média à captação de água na periferia urbana, nos montes que se situariam a nordeste e nascente, a cerca de 5 km de distância, bem como da sua condução para a cidade feita por meio de canos, conjuntamente com as características topográficas já enunciadas, fazem supor que estas nascentes serviram não só o abastecimento de água à cidade na Idade Moderna, mas também em períodos anteriores.

Aceitando-se como hipótese que algumas das condutas romanas de água foram sucessivamente reaproveitadas até à Idade Moderna, é igualmente presumível que a caixa geral da água moderna possa resultar da reutilização de um castelo de água romano. Em abono desta hipótese podemos referir o próprio relato do padre Luís Cardoso, escrito no século XVIII, que refere que dos tempos dos romanos, entre outros vestígios espalhados pela cidade: *Tambem ha sinais de haver aqueductos, muy usados nos tempos dos Romanos, pelos quaes vinha a agua para o provimento da Cidade* (Cardoso, 1761: 248).

Refira-se, ainda, que alguns dos grandes aquedutos modernos, construídos em cidades fundadas pelos romanos, tinham as suas nascentes, bem como o seu percurso ou partes dele, coincidente com os anteriores aquedutos romanos, como é o caso do Aqueduto da Água da Prata, de Évora ou do Aqueduto das Águas Livres de Lisboa.

### 3.3. Rede de distribuição urbana

As linhas gerais do traçado principal da rede de distribuição de água na zona urbana podem ser aferidas através das indicações dos locais para onde a água era

conduzida, constantes no *Livro da Cidade*. Na generalidade estes canos abasteciam chafarizes, fontes e conventos.

Assim, a partir da caixa geral, a água era conduzida para cinco sítios distintos da cidade, por cinco canos<sup>27</sup>.

O primeiro, da parte do norte, ia para o Convento de Nossa Senhora da Penha de França, fundado em 1652, no lado sul do Campo de Santa Ana e extinto, em 1874. Dele apenas sobrevive a Igreja da Penha, integrada no Asilo D. Pedro V.

O segundo, seguia para o chafariz grande da Porta do Souto, mandado construir pelo arcebispo Dom Frei Agostinho de Jesus, no século XVII e trasladado deste local no século XX. A água do tanque deste chafariz era repartida em ... *quatro partes a saber: a primeira em mais consideráveis quantidades para a fonte do cavallinho que está defronte do chafariz para nele beberem todo o género de animais. A segunda para o hospital de S. marcos. A terceira para as casas e quintal de Francisco João depositário geral e a quarta e última são as vertentes e águas perdidas do memo tanque as quais vão para as casas que foram do Doutor Eusébio do valle Pasanha citas na boca da rua das águas*<sup>28</sup>.

O terceiro, a este, seguia para o chafariz de São Tiago, a fonte de São Sebastião, o Convento dos Remédios, o Colégio da Companhia de Jesus, as Casas de Manuel Falcão Cota e o Campo de São Tiago. Sabemos, igualmente, que ... *no campo de S. Tiago tem um repuxo onde se reparte a água que nele vem em quatro partes, a saber: uma que está para este chafariz [de são Tiago] que é a maior parte, outra menor para a fontana de São Sebastião e uma pena de água para os padres da Companhia e outra para a casa de Manuel Falcão Cota, Fidalgo da casa de sua majestade, que Deus guarde, morador no mesmo campo de S. Tiago. As vertentes deste chafariz que se recolhem no dito tanque vão para as religiosas de N. S. da Conceição também por aquedutos*<sup>29</sup>. Dos locais referidos apenas se conservam a casa dos Falcões, o chafariz de S. Tiago e o Convento de N. S. da Conceição, na Rua de S. Geraldo.

O quarto seguia para o Chafariz do Campo da Vinha, a Fontana do Pópulo e para as Religiosas do Convento do Salvador. Destes locais somente a Fonte do Pópulo existe atualmente.

Finalmente, o quinto conduzia água para o Chafariz da Galeria dos Paços Arcebispais, atualmente *in situ*.

A comprovação do traçado exato por onde estes aquedutos seguiam está ainda por aferir, carecendo de estudos arqueológicos. Contudo, é possível começar a delinear alguns dos seus principais trajetos, como se representa na figura 5.

<sup>27</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fls. 110-110v.

<sup>28</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 99.

<sup>29</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 100v.

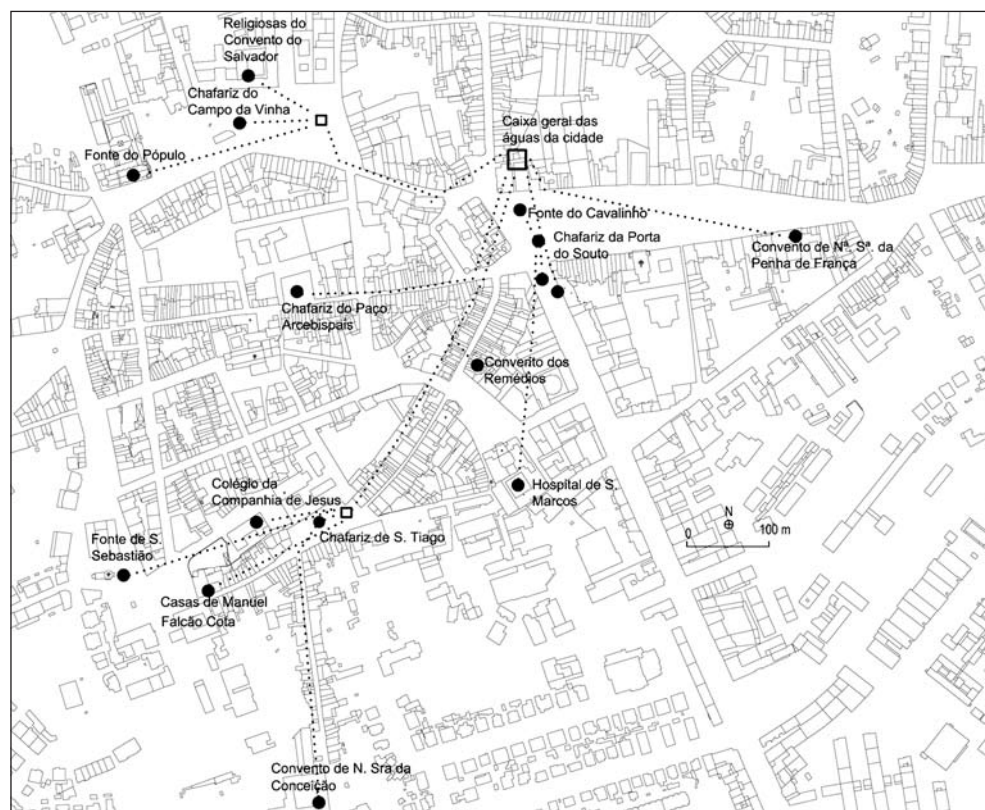


Figura 5. Mapa com a rede urbana de distribuição de água, a partir da caixa geral da cidade, com a representação da muralha medieval.

Os locais por onde passavam as diferentes condutas de água do abastecimento público são bastante díspares. Algumas corriam ao longo das ruas, outras em quintais e hortas, outras ainda por debaixo das casas, sabendo-se que os donos das casas por onde passavam os canos da água eram obrigados a mantê-los limpos e desimpedidos, como acontecia com a conduta que abastecia a Fonte da Carcova, sendo referido que ... *cada um dos moradores das ditas casas por onde passa é obrigado a limpar o dito cano na sua testada*<sup>30</sup>, ou com a Fonte de S. Geraldo, da qual a água saía ... *por um cano com seus caleiros cobertos tudo de pedra, o qual atravessa a Rua Nova, vai pôe debaixo das casas dela, até sair ao campo dos Touros, e os donos das ditas casas por onde ela passa são obrigados a limpar o dito cano cada um na sua testada*<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 104v.

<sup>31</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 103v.

O tipo de condutas era igualmente variado, muito embora se tratassem na generalidade de canos de pedra, oscilando a terminologia usada para os descrever entre, aquedutos, canos, canos de pedra, caleiros e caleiros cobertos de pedra. Existiam também caixas de distribuição da água e repuxos espalhados por diferentes pontos da cidade, designadas vulgarmente de arcas e adjetivadas de velhas. Alguns destes exemplares podem ainda ser vistos na cidade, como se pode observar na figura 6.

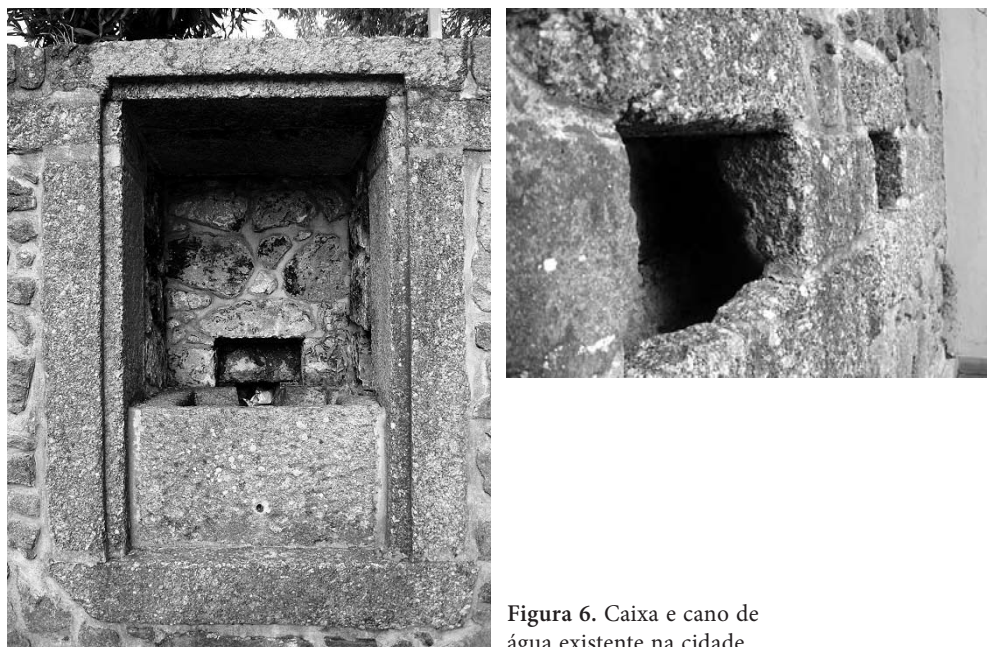


Figura 6. Caixa e cano de água existente na cidade.

### 3.3.1. Os chafarizes

Na Idade Moderna, para além da construção de grandes aquedutos, os sistemas de abastecimento de água às cidades foram igualmente modernizados através da construção de fontes e chafarizes.

Os chafarizes, enquanto equipamento público que disponibilizava água potável, são compostos normalmente por mais do que uma bica de água, à qual é possível aceder diretamente, podendo ter um ou mais tanques para a receber, que servem normalmente de bebedouro para animais ou para lavagens. Segundo Walter Rossa, distinguem-se das fontes, essencialmente, por *estar em lugares públicos e ser o ponto terminal de uma conduta de abastecimento, exclusivo ou não* (Rossa, 1989). Todavia, para além da sua funcionalidade primeira, os chafarizes respondem igualmente a



imperativos de ordem estética, sendo compostos por espaldares, por vezes, ricamente ornamentados, com menção a quem os mandou edificar ou com os brasões da cidade. O espaldar ou o corpo (para os chafarizes adossados) é a parte do chafariz que lhe confere maior visibilidade no espaço urbano e um importante papel na imagem da cidade (Rossa, 1989).

Na verdade, a distinção entre fontes e chafarizes é difícil de precisar, pois existem fontes de água que se aproximam bastante das características enunciadas para os chafarizes, como veremos para algumas fontes bracarenses.

Para a cidade de Braga não se conhecem chafarizes anteriores aos existentes no Largo do Paço. O arcebispo D. Diogo de Sousa, no século XVI aí mandou construir *um chafariz de novo para receber a água da pia porque o outro era roto, velho e mal feito*<sup>32</sup>. No século XVIII o Chafariz do Paço Arcebispal, mandado construir por D. Diogo de Sousa, foi substituído por um outro mandado fazer pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, o qual permanece ainda *in situ*.

Através do *Livro da Cidade* ficamos a saber que na cidade existiam, no século XVIII, 6 chafarizes, propriedade do senado da câmara<sup>33</sup>: 1 dentro da zona amuralhada (Chafariz dos Paços Arcebispais) e 2 na zona imediatamente extramuros (Chafariz da Porta do Souto e Chafariz do Campo da Vinha), sendo os três diretamente abastecidos pela caixa geral das águas. Os outros 3 (Chafariz da Rua dos Pelames ou de São Tiago, o Chafariz dos Penedos dos Chãos e o Chafariz / Fonte do Quinteiro) situavam-se na periferia urbana. Refira-se que o último ainda estava por edificar, muito embora a pedra lavrada para a sua construção já se encontrasse ao redor da fonte aí existente.

Todos eles mereceram uma descrição morfológica e arquitetónica bastante detalhada, que permite igualmente perceber quais são os mais importantes, diríamos monumentais, como é o caso do Chafariz dos Paços Arcebispais, localizado no coração da cidade, mas, também, chafarizes de menores dimensões, que correspondem aos existentes em locais mais afastados do centro.

A título de exemplo apresentamos a descrição existente no *Livro da Cidade* correspondente ao Chafariz dos Paços Arcebispais, o único que permanece atualmente no sítio original.

*Tem o chafariz que está defronte da galeria dos passos Arcebispais, o qual está assentado sobre um pátio para o qual se sobe por 3 degraus, de todas as partes oitavados de triângulos, nele está assentado um tanque que corre as mesmas linhas que tem 3 palmos e meio de alto, com sua moldura muito bem feita, o qual terá de circunferência 70 palmos.*

<sup>32</sup> A.D.B., *Registo Geral*, Livro 30, fl. 330.

<sup>33</sup> Alguns destes chafarizes são igualmente mencionados nas *Memórias Paroquiais de 1758* (Cárcela, 2003: 202).

*Do meio deste tanque nasce um pilar para receber a taça, no qual serve de adorno 4 atlantes que recebem nas costas, a qual é do mesmo feitio do tanque e das escadas oitavadas de triângulos. Tem esta taça 6 bicas metidas nas bocas de 6 carrancas e sobre cada uma é um castelo com suas ameias. Do meio desta taça se levanta outro castelo também oitavado de triângulos sobre o qual está uma pianha com 6 bicas pequenas de esguicho em roda por onde espirra água para cima e sobre a dita pianha assenta uma figura de pedra vestida a trágica, em pé com uma esfera sobre a cabeça. Destas 6 bicas da pianha cai água na referida taça e dela se despende ao povo por outras 6 bicas de bronze que ela tem, que a colhem por canos compridos e os rechos se recolhem no dito tanque.*

*Neste chafariz, seus castelos e esferas se simbolizam as armas do ilustríssimo senhor D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo e senhor que foi desta cidade e arcebispado, o qual mandou fazer neste lugar donde tiraram um outro que nele se encontrava, que mandou meter dentro do terreiro do seu paço para onde vão as vertentes do mesmo chafariz. A água deste chafariz vem da primeira caixa geral da cidade, por aquedutos e repuxos e do mesmo chafariz vai para outros aquedutos para a cozinha do passo dos arcebispos além das por onde vão as vertentes. Terá este chafariz 37 palmos. Toda a obra deste chafariz é perfeitíssima e a segunda em ordem ao chafariz da Porta do Souto<sup>34</sup>.*



Figura 7. Chafariz do Largo do Paço.

Como podemos observar pela anterior transcrição, para além da descrição morfológica e arquitetónica pormenorizada dos chafarizes, este documento menciona, igualmente, a proveniência da água e os locais para onde era distribuída posteriormente, permitindo reconstituir o trajeto aproximado das condutas que existiriam na cidade.

Refira-se, por exemplo, que a água para os 6 chafarizes era conduzida por aquedutos e repuxos e provinha de diferentes locais, nomeadamente, diretamente da caixa geral da cidade, como é o caso dos chafarizes da Rua do Souto, do Campo da Vinha e dos Paços Arcebispaes, mas, também, de poços e fontes, como sucede com os restantes.

<sup>34</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 98-99.

A água era conduzida a partir dos chafarizes para outros locais, como é o caso Chafariz dos Paços Arcebispaes, cuja água ia para a cozinha do Paço dos Arcebispos, através de aquedutos. No caso do Chafariz dos Penedos dos Chãos, as águas sobrantes iam para o Convento das Religiosas do Carmo, localizado junto da atual Igreja do Carmo.

Não menos importantes são as informações relacionadas com as caixas e repuxos espalhados pela cidade, que recebem e distribuem a água. Por exemplo, no Campo da Vinha, contígua à Capela de Nossa Senhora do Amparo, já desaparecida, existia uma caixa que recebia água da caixa geral da cidade, de um poço da câmara, sendo distribuída para o Chafariz do Campo da Vinha, para a Fonte do Pópulo e para as religiosas do Convento do Salvador. Através de algumas indicações ficamos a saber, igualmente, que a quantidade de água distribuída a partir destas caixas não era toda igual, alguns recebiam apenas *uma pena*<sup>35</sup>.

No Campo de São Tiago existia um repuxo que distribuía a água em quatro partes, *a saber: uma para este chafariz que é a maior parte, outra menor para a fontana de São Sebastião e uma pena de água para os padres da Companhia e outra para a casa de Manuel Falcão Cota, Fidalgo da casa de sua majestade, que Deus guarde, morador no mesmo campo de S. Tiago. As vertentes deste chafariz que se recolhem no dito tanque vão para as religiosas de N. S. da Conceição também por aquedutos*<sup>36</sup>.

Os seis chafarizes referidos encontram-se representados no *Mapa da Cidade de Braga Primas*, elaborado precisamente em meados do século XVIII (Fig. 8).

### 3.3.2. As fontes de água

À semelhança do que ocorre com os chafarizes, também as fontes de água aumentam de número a partir do Renascimento. Para além da resposta às necessidades básicas de provimento de água, as fontes adquirem importância enquanto equipamento urbano de carácter estético que contribui para a imagem da cidade, ganhando formas cada vez mais aperfeiçoadas, com elaborada decoração escultória e arquitetónica.

Na área intramuros da cidade medieval de Braga, para além do Chafariz do Paço, existiriam apenas a Fonte de S. Geraldo, já mencionada, e a Fonte da Carcova, mandada reparar pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, nos inícios do século XVI<sup>37</sup>. Este arcebispo terá, igualmente, mandado erguer duas novas fontes na área

<sup>35</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 99v.

<sup>36</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 99.

<sup>37</sup> A.D.B., *Registo Geral*, livro 330, fl. 332v., onde se lê: *Fez a fonte da Carcova a par do castelo com cano muito grande de pedraria e de grandes pedras por coberturas e todas as partes e calçadas que*

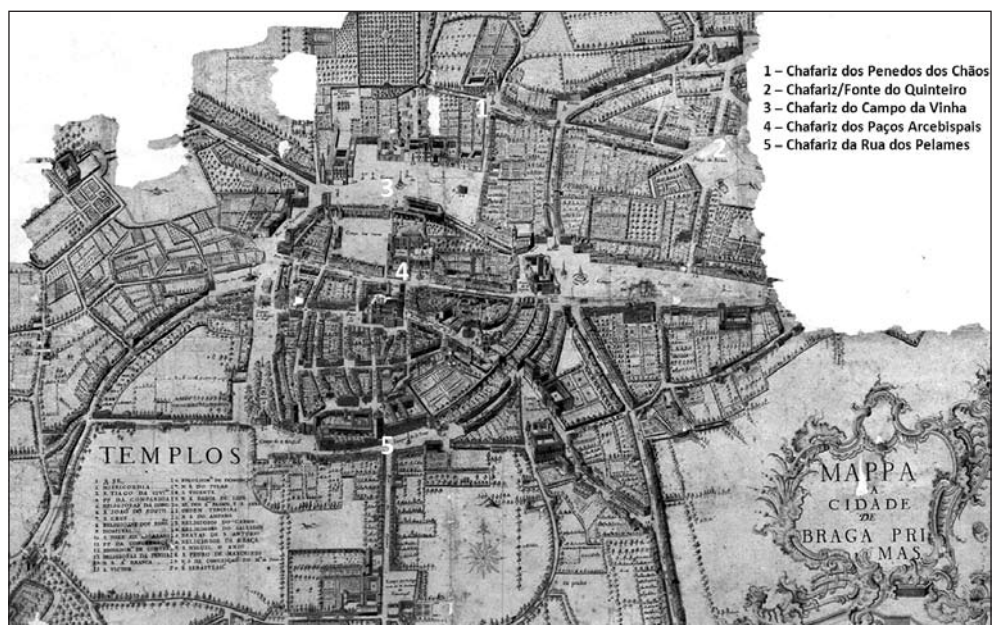


Figura 8. Chafarizes existentes na cidade no século XVIII, propriedade do senado da Câmara no Mapa da Cidade de Braga Primas.

protegida pela muralha medieval, conhecidas como a Fonte de Sousa e a Fonte dos Jardins do Paço e, no espaço extramuros três outras, designadas de Fonte de São Tiago, Fonte de S. Marcos, nos Granjinhos, e a Fonte de Nossa Senhora a Branca.

A cidade irá ver aumentar o número de fontes ao longo dos séculos seguintes. Através do *Livro da Cidade* ficamos a saber que, no século XVIII, havia em Braga 32 fontes, por vezes referidas como fontanas, e um tanque, propriedade do senado da câmara.

Num espaço de pouco mais de 200 anos a cidade dotou-se de cerca de 25 novas fontes de água, segundo o *Livro da Cidade*. A julgar pelos dados do Padre Luís Cardoso, existiriam outras tantas. A título de exemplo, refira-se a existente no Convento dos Remédio, não mencionada no *Livro da Cidade*, mas que no século XVIII integraria este complexo religioso, e que atualmente se encontra no Jardim de Santa Bárbara. De facto, a abundância de fontes de água terá justificado a designação de «cidade das fontes» atribuída a Braga.

Tal como ocorre com os chafarizes, também as fontes de água são detalhadamente descritas no *Livro da Cidade*, identificando-se aspetos relacionados com a

---

estão ao redor da dita fonte, a qual fonte fora antiga e estava já toda atópida e agora corria contra a cidade e mandou a virar e correr contra a estrada para que dela se visse a fonte e a água.

sua composição estrutural, arquitetónica e escultória, mas, também, com a proveniência das suas águas ou até mesmo com sua qualidade, referidas algumas vezes como «milagrosas», como é o caso da água da Fonte de S. Geraldo ou da Fonte de S. João, no Parque de S. João, descrita como *excelente e das melhores da cidade, cujas pessoas a mandam buscar a este sítio no tempo de Verão pela sua muita frescura e bondade*<sup>38</sup>.

O tipo de fontes existentes é bastante dispar, havendo fontes com elaborada composição arquitetónica e escultória, como é o caso da fonte de São Sebastião *a qual e toda feita de pedra de esquadria de muita perfeição, obra dórica com seu remate no meio de uma pirâmide, no alto da qual está uma cruz primacial de ferro de duas aspas e tem suas pirâmides mais pequenas, cada uma de seu lado lança a água por uma bica de ferro metida na boca da cabeça de um bico e dela se recolhe em um tanque que toma quase toda a frente da dita fonte, o qual é também obra de perfeita esquadria. Está com a frente para o Norte assentada sobre um formosíssimo pátio de esquadria ... e da parte do Nascente e Poente está ornado com assentos também de esquadria de toda a perfeição, da parte do Sul tem uma escada de nove degraus que ocupa toda a largura do mesmo pátio, com seus corrimão dos lados, pela qual se sobe da dita fonte para a capela de S. Sebastião, da parte do Norte tem esta fonte segundo tanque*<sup>39</sup>. Outras bastante mais simples, como a Fonte de Infias *... que está metida na parede... Lança a água por uma bica de ferro metida na boca de uma carranca, formada em uma pedra da sobredita parede. Não tem tanque algum mas cai no chão...*<sup>40</sup>.

Apresentamos, de seguida, o elenco das 32 fontes de água, e do tanque, acompanhado de uma descrição, muito semelhante à que se encontra no *Livro da Cidade*, bem como da sua localização geográfica no século XVIII. Entendemos fazê-lo em virtude da dificuldade que existe, por vezes, em situar o local original das referidas fontes de água mas, também, de reconhecer algumas das características arquitetónicas e escultórias que presidiram à sua criação. Na verdade, uma parte significativa das fontes de água referidas no *Livro da Cidade* já não se encontra no mesmo local, nem ostenta os mesmos atributos do século XVIII. Uma vez que o referido *Livro* nos faculta esses dados, entendemos útil a sua divulgação neste artigo, tendo-se, no entanto, optado por uma descrição mais sintética, e recorrendo-se, sempre que se justificou, às expressões utilizadas no documento original, que colocamos em itálico, fazendo-se menção ao fólio em que a fonte aparece caracterizada em nota de rodapé. A numeração encontra-se de acordo com a sua localização no mapa da

<sup>38</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 106.

<sup>39</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 101-102.

<sup>40</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 105.



figura 7. Não foi possível cartografar as fontes que se encontram assinaladas com asterisco (\*), por se encontrarem muito distantes do centro urbano.

### 1. Fonte de São Sebastião

A *fontana de são sebastião*<sup>41</sup> localizava-se a norte da Capela com o mesmo nome, no Largo das Carvalheiras. As suas características arquitetónicas já foram descritas anteriormente. Acrescente-se, todavia, que a água desta fonte vinha *da geral da cidade por aquedutos e repuxos*. Distante dela, cerca de *200 palmos [44 metros]*, estava *um repuxo pequeno e baixo*. Entre ele e a fonte passavam os *aquedutos, todos de pedra*. Estes passavam *por baixo da devesa por uma augusta subterrânea, feita de paredes de alvenaria, coberta de padieiras de pedra, com uma porta de entrada junto do dito repuxo*. Atualmente, ainda é possível observar no local a grande conduta de água referida na descrição. A água desta fonte caía para um grande tanque e depois desse derivava para um segundo, a norte, *onde iam beber os animais, e as vertentes iam paras as casas de Dom António de Noronha, por um aqueduto feito à custa do dono das mesmas casas*.

### 2. Fonte do Cavalinho

A *fontana do cavalinho da porta do souto*<sup>42</sup> situava-se junto à referida porta da muralha medieval, no início da atual Rua do Souto, e estava *metida no torreão dos alpendres da alfandega, chamado vulgarmente de caramanchão que estava para a parte do Sul*. Atualmente esta zona encontra-se bastante alterada. Tratava-se de uma fonte composta por *um pano de esquadria formado no mesmo torreão, ornado com seus cunhais, friso, cornija e arquitrave, com seu remate de quarttellas e tarjão que acabava em pirâmide*. No fim de cada *cunhal* tinha também *uma pirâmide*. Lançava água *por duas bicas, metidas nas bocas de dois meios cavalos, dos quais toma o nome*. As águas eram recolhidas *num tanque de muito boa perfeição e esquadria ovado, que tinha de comprimento 20 palmos [4,4 metros] e 7 de largo [1,54 metros] e 4 de alto [0,88 metros]*. A água desta fonte vinha *do tanque do chafariz da Porta do Souto, que lhe ficava fronteiro*. A este tanque iam beber os animais e a água que dele sobejava ia *por aquedutos para os passos arcebispaes*.

### 3. Fonte da Torre do Pópulo

A *fontana que estava defronte da torre do populo*<sup>43</sup> encontrava-se localizada em frente da dita torre, *ao cimo da rua das Conigas [Cónegas]*, atual Rua da Boavista.

---

<sup>41</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 101-102.

<sup>42</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 102.

<sup>43</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 102 a 102v.

Era feita de *esquadria*, muito bem lavrada. Estava assentada sobre um *pátio de esquadria*, sobre o qual assentava um *pedestal* de que somente servem três faces, por a outra estar encostada a dois meios esses com base e sotabase e uma *quarttella* para a parte do Poente. No pedestal e na quartela assentava uma *pia* formada de uma concha e sobre esta descarregava outro pedestal mais pequeno, também de três faces, por estar encostado a outros dois meios, esses também com base e sotabase, em que assentava e um sol com uma bica de ferro na boca. Sobre este pedestal estavam três *quarttellas* e uma garganta sobre a qual estava uma *pirâmide* que rematava esta fonte. A água era lançada pela bica que estava na boca do sol e era recolhida na dita pia. Esta tinha de cada lado dois degraus de *esquadria*, para a gente do povo chegar a tomar a água da dita bica. Toda esta obra tinha de altura 12 palmos (2,64 metros). A água desta fonte vinha da arca que estava contigua a capela de N. S. do Amparo do campo da vinha e as vertentes dela iam para as casas de Pedro da Cunha de Souto Mayor, Alcaide-mor desta cidade, que ficavam defronte dela.

#### 4. Fonte da Porta Nova de Sousa

A fontana da prassa que estava na porta nova de sousa<sup>44</sup> localizava-se junto ao Arco da Porta Nova, no alçado norte da Rua de D. Diogo de Sousa. Era formada por um pano de *esquadria* com seus *cunhais*, *friso*, *cornija* e *arquitrave*, e com três *pirâmides* em cima. Lançava água por duas bicas metidas na boca de dois *golfinhos*. Por cima de cada um dos quais estavam as armas de dois arcebispos. As de D. Diogo de Sousa, para a parte da Rua Nova, e as de D. Frei Agostinho de Jesus para a parte da porta nova. A água das duas bicas era recolhida num tanque de *esquadria* que tinha 18 palmos de comprimento [3,96 metros], 4 de largura [0,88 metros] e 3 de alto [0,66 metros]. As águas desta fonte nasciam no quintal de Gonçalo Rodrigues, o Rayeta, e as vertentes eram encanadas para a fonte do Campo das Hortas. Descia-se para esta fonte, da parte da rua nova [Rua D. Diogo de Sousa], por seis degraus de *esquadria*, no fim dos quais existia um *pátio de esquadria* sobre o qual estava assentado o tanque. Dos lados do pano desta fonte existiam outros dois panos mais pequenos, cada um com sua porta, uma das quais está tapada de pedra e pela outra se vai buscar, limpar e encanar a água desde o seu nascimento. Estes panos continuavam em quadro até chegarem quase à rua nova. Eram de *esquadria* com seus assentos. Esta fonte encontra-se representada no Mapa da Ruas de Braga, como se ilustra na imagem 9. Desta fonte sobrevive o pano, com as armas dos arcebispos, enquadrado no alçado norte da Rua D. Diogo de Sousa, e um tanque que se encontra integrado nas habitações desta rua, como se pode observar na figura 10.

<sup>44</sup> A.M.B., Livro da Cidade, fl. 102v.

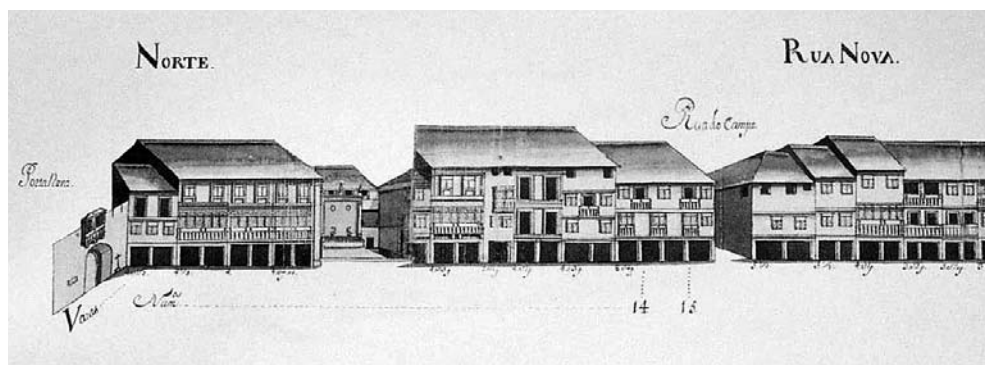


Figura 9. Fonte de Sousa mandada construir por D. Diogo de Sousa, junto à Porta Nova, no *Mapa das Ruas de Braga*.



Figura 10. Tanque sobreviventes da Fonte da Porta Nova de Sousa.



Figura 11. Pano sobrevivente da Fonte da Porta Nova de Sousa, na Rua D. Diogo de Sousa.

## 5. Fonte do Campo das Hortas

A *fontana do campo das hortas*<sup>45</sup> situava-se ao cimo do referido campo, próximo da Porta Nova, no local onde hoje passa a Rua Andrade Corvo. Era formada por um pano de esquadria lisa, com seu friso, cornija e arquitrave e com três pirâmides em cima. Lançava a água pela boca de um bicho, para um tanque de esquadria que teria de comprido 22 palmos [4,84 metros], 6 e meio em vazio de largo [1,43 metros]

<sup>45</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 103.

e 3 de alto [0,66 metros]. Este tanque era recolhido no meio, defronte da bica, com meio círculo cujo côncavo ficava para a parte de fora dele e o convexo para dentro de modo a se poder tomar a água da bica. A água desta fonte vinha encanada do tanque da fonte da prassa acima descrita [Fonte da Porta Nova de Sousa] que eram as vertentes dela, para neste tanque beberem os animais. Ao Nascente e Poente desta fonte estavam uns assentos com seus encostos, tudo de cantaria lavrada, com um degrau para os pés, que assentava sobre um lajeado de esquadria, com 8 palmos de largura [1,76 metros]. Os assentos ocupavam a maior parte do Campo das Hortas, para onde estes assentos tinham a sua frontaria e as costas para a parte das ditas hortas.

## 6. Fonte de S. Giraldo

A fonte de S. Giraldo<sup>46</sup> encontrava-se por baixo do pátio da Igreja da Misericórdia, no início da atual Rua de D. Diogo de Sousa. Era uma fonte subterrânea, e descia-se para ela por duas escadas de cantaria. Uma da banda do Nascente, que tem doze degraus e é a serventia principal. A outra da parte do Poente que tem oito degraus, e é serventia particular da capelinha de São Giraldo, que está por cima dela, e donde tomou o nome. Entre a fonte e o pátio da Misericórdia era charco. Estava metida num arco de cantaria muito bem feito, formado dentro da parede do dito pátio. Fora do arco tinha uma pia de pedra de esquadria muito bem-feita, para a qual corria a água da fonte e desta era expelida por um cano com seus caleiros cobertos, tudo de pedra, que atravessava a Rua Nova, e ia por debaixo das casas, até sair ao Campo dos Touros. Os donos das casas por onde ela passava estavam obrigados a limpar o cano, cada um na sua testada. Esta fonte estava virada para a parte Norte, e as suas águas eram excelentes, tidas por milagrosas. Sobre a escada do Nascente havia duas grades de ferro, metidas no vão de três colunas que serviam para lhe dar luz. Atualmente esta fonte encontra-se desativada, muito embora alguns dos seus vestígios ainda se encontrem sob as escadas de acesso à entrada principal da Igreja da Misericórdia.

## 7. Fonte da Praça do Campo de Touros

A fonte da prassa do campo de touros<sup>47</sup> encontrava-se na parede da horta dos passos arcebispaes, na atual Praça do Município. Era de pano de alvenaria com seus cunhais, ovado em forma de meio círculo com o côncavo para fora, com frisos e, por cima dele, tinha quatro pirâmides pequenas. Lançava a água por uma bica de pedra para uma grande taça de pedra lavrada, lisa, redonda, que estava assente numa gran-

<sup>46</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 103-103v.

<sup>47</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 103v.

*de pia, também de pedra, que a sustenta, metida quase a metade no dito meio círculo que faz o pano e a outra metade de fora dele. A água desta fonte vinha por canos da fontana do cavalinho da porta do souto por dentro da horta dos passos arcebispaís e servia para beberem nela os animais, e as vertentes dela iam pelas estrebarias dos prelados por canos, para a fonte da porta de S. Francisco.*

#### 8. Fonte de S. Francisco

A fonte de S. Francisco<sup>48</sup> encontrava-se dentro da porta da muralha medieval designada com o mesmo nome, metida na parede da casa do forno onde se cozia o milho, na Rua do Campo (atualmente integrada na Rua Frei Caetano Brandão). Esta fonte lançava a água por uma bica de ferro, metida na boca de uma carranca que estava na parede da dita casa, para um tanque de esquadria, gradeado de ferro, que tinha 12 palmos de comprimento [2,64 metros], 4 de largo [0,88 metros] e 3 e meio de alto [0,66 metros]. Para a parte do Sul, junto com a parede da casa e do tanque havia uma pia pequena de uma só pedra onde lavavam os vizinhos com a água do tanque, que para ela era lançada por uma meia bica de ferro, que estava chumbada sobre o tanque. A água desta fonte era a das vertentes da fonte da prassa do Campo de Touros.

#### 9. Fonte da Carcova

A fonte da carcova<sup>49</sup> [carcova] situava-se no alçado sul da rua que tinha o mesmo nome, atual Rua dos Capelistas, por detrás da Igreja dos Terceiros de S. Francisco. Era uma fonte subterrânea para a qual se descia, da parte do campo da vinha, por uma calçada íngreme, e da parte da Igreja dos Terceiros por uma escada de pedra de cantaria de doze degraus e pela parte da rua da fonte da carcova [Rua dos Capelistas] estava defendida com uma parede baixa de 3 palmos e meio de alto [0,77 metros] que lhe servia de parapeito e estava descoberta. Era formada de um pano de esquadria, metido na parede do quintal das casas que Custodia Pereira picada, tendeira da porta do souto, tinha neste sítio, e estava obrigada à sua limpeza. Esta fonte tinha uma moldura por cima, com duas ameias, entre as quais estava uma cruz lisa quadrada, assente sobre um calvário de pedra, ao modo de pedestal. No meio do pano da fonte havia um letreiro que dizia «Didacus Sousa Archiepiscopus mil quinhentos e vinte». Lançava a água pela boca de um bicho, por uma bica de ferro, para um tanque de esquadria com moldura, que tinha de comprimento 11 palmos [2,42 metros], de largo 4 palmos [0,88 metros] e 1 de alto [0,22 metros]. A água desta fonte nascia no terreiro dela, para a parte da Igreja dos Terceiros, distanciada

<sup>48</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 103v.-104.

<sup>49</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 104-104v.



38 palmos da mesma [8,36 metros] e da sua arca ia encanada por canos de pedra para a dita fonte. As suas vertentes iam por outro cano de pedra, por meio das casas da rua da fonte da carcova, seminário e campo da vinha e iam sair à porta de S. Francisco, entre as casas de Domingos Ferreira, notário apostólico, e do reverendo Doutor Tomé da Mota Barreto. Cada um dos moradores das ditas casas por onde passa estava obrigado a limpar o dito cano na sua testada.

### 10. Fonte do Pão de Trigo (Carmelitas descalças)

A fonte do Pão Trigo<sup>50</sup> localizava-se atrás da cerca das religiosas carmelitas descalças [descalças], junto da atual Igreja do Carmo. Era uma fonte de charco e estava rodeada de paredes da parte do Nascente, Norte e Sul. Pela parte do Poente tinha uma parede baixa, quase a altura da água. Era por esta parte que as pessoas do povo acediam a água da fonte. Para as outras partes tinha um rego, por onde iam as vertentes da dita fonte, para um posso [poço] de António Francisco, lavrador, possuidor das terras vizinhas. Era boa água e dela se aproveitavam a maior parte dos moradores das ruas dos chãos e do carvalhal e campo da vinha.

### 11. Fonte da Preguiça

A fonte da perguissa<sup>51</sup> situava-se por baixo da Capela de S. Vicente, na entrada da rua nova do bico. Era formada por um pano de esquadria, com moldura, e por cima tinha quatro pirâmides. Lançava a água por uma bica de ferro, metida na boca de uma carranca, para um tanque de esquadria, com 14 palmos de comprimento [3,08 metros], 6 de largo [1,32 metros] e 3 de alto [0,66 metros]. Este tanque era recolhido no meio, com o concavo para fora e convexo para dentro, para se chegar à bica. Uma parte da água nascia numa casa do senado, que possuía por aforamento o padre João de Matos Vieira, que estava conjunta com o átrio de S. Vicente. Outra parte da água vinha da geral da cidade. O senado tinha posse por contrato e obrigação com os possuidores das ditas casas para mandar consertar por dentro das casas e, sendo necessário, romper as paredes delas, e fazer tudo o mais que for necessário para a boa corrente da dita água. As vertentes iam para a Quinta do Doutor Santos de Araújo Alves. Com alguma probabilidade, a fonte que aparece representada no alçado poente da

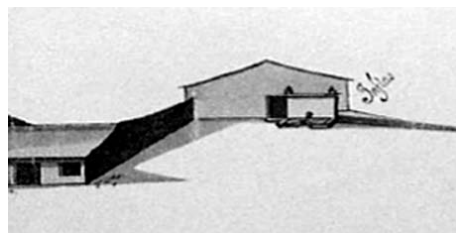


Figura 12. Fonte da São Vicente.

<sup>50</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 104v.

<sup>51</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 104v.

Rua das Palhotas, no *Mapa das Ruas de Braga*, poderá corresponder a Fonte da Preguiça. Ainda hoje, em local aproximado ao descrito, existe uma fonte inativa, conhecida como Fonte de S. Vicente, muito embora com características diferentes às enunciadas para a da Preguiça.

## 12. Fonte dos Pedreiros (Palhotas)

A *fonte dos pedreiros*<sup>52</sup> localizava-se abaixo das Palhotas, na estrada que ia para o barco do bão do bico. Era formada por um pano de esquadria tosca, com 12 palmos de comprimento [2,64 metros] e 10 de alto [2,2 metros]. Estava com as costas ao Nascente, tinha um friso e por cima uma cruz metida entre duas pirâmides. Lançava a água por uma bica de pedra, para uma pia, redonda, onde bebiam os animais. Era tudo de pedra. A água desta fonte nascia a Nascente, no público e baldio, a uma distância de 100 palmos [22 metros]. As suas vertentes iam para o ribeiro que passava logo abaixo.



Figura 13. Fonte no alçado poente da Rua das Palhotas, representada no Mapa das Ruas de Braga.

## 13. Fonte das Infias

A *fonte de Infias*<sup>53</sup> estava metida na parede da Quinta de Jácome Borges Pacheco, atual Solar de Infias ou Casa de Vale de Flores. Tratava-se de uma fonte muito simples, tal como já referido. Lançava a água por uma bica de ferro metida na boca de uma carranca, formada numa pedra da sobredita parede. Não tinha tanque, a água caía no chão. As suas vertentes iam pela quingosta das possinhas [Cangosta das Pocinhas]. A água nascia dentro da quinta do dito de Jácome Pereira Pacheco.

## 14. Fonte das Golladas

A *fonte das Golladas*<sup>54</sup> situava-se no lugar com o mesmo nome, na freguesia de S. Vitor, nas proximidades da atual Casa das Goladas, situada na Rua D. Pedro

<sup>52</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 104v.-105.

<sup>53</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 105.

<sup>54</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 105.

V. Era formada de um pano de esquadria, com seu friso e cornija e arquitrave, com uma cruz em cima metida entre duas pirâmides. Tinha uma só bica metida na boca de uma carranca. As suas águas eram recolhidas num tanque de esquadria, com friso, que tinha 10 palmos de comprimento [2,2 metros], 4 de largo [0,88 metros] e 3 de alto [0,66 metros]. A água desta fonte nascia na estrada do carvalho e descia em duas partes, das quais iam encanadas, e na distância de 10 ou 12 palmos [2 a 2,2 metros] da dita fonte se juntavam num só cano, pelo qual vem ambas as águas juntas até chegar à dita fonte. As vertentes iam para o campo de Henrique Feliz Machado.

### 15. Fonte de Nossa Senhora a Branca

A fonte de Nossa Senhora a Branca<sup>55</sup> estava por baixo da Capela, atualmente igreja, com o mesmo nome. Era formada de um pano de esquadria com seu friso e três ameias em cima. Era meia subterrânea. Para ela se descia por quatro degraus da parte do Norte. Estava virada para o Poente. Deitava a água por uma só bica, metida na boca de uma carranca de pedra. As águas eram recolhidas num tanque de esquadria, com 2 palmos de altura [0,44 metros]. No meio tinha as armas do Arcebispo D. Diogo de Sousa. As águas desta fonte nasciam a Poente, por detrás da mesma fonte, no público a pouca distância dela.

### 16. Fonte de Trás de São Marcos

A fonte de trás de São Marcos<sup>56</sup> localizava-se junto da rua dos granginhos. Era formada por um pano de esquadria, liso, com seu friso, cornija e arquitrave assentados sobre quatro quarttellas com uma cruz primacial em cima, metida entre duas pirâmides lisas e assentada sobre um calvário de pedra. No pano desta fonte estavam as armas dos arcebispos D. Diogo de Sousa e D. Frei Agostinho de Jesus, uma de uma parte e outra de outra. Lançava a água pela boca de um bicho, a qual se recolhe em um tanque de esquadria que terá 20 palmos de comprimento [4,4 metros], 4 de largo [0,88] e 3 de alto [0,66 metros], descem-se três degraus de esquadria para ela da parte da rua, e da parte dos granginhos se entra para esta fonte a pé chão. Estava virada para o Nascente e a sua água nascia no meio da rua de trás de São Marcos em distância dela 100 palmos [22 metros], pouco mais ou menos, e as suas vertentes iam para os prados que ficam nas costas da mesma fonte. Esta fonte foi trasladada, encontrando-se atualmente no Largo Paulo Orósio, adossada ao muro que serve de suporte à Capela de São Sebastião.

<sup>55</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 105v.

<sup>56</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 105v.

### 17. Tanque por de Trás de São Marcos

O *tanque de tras de São Marcos*<sup>57</sup> ficava acima da fonte, retro ao Norte, coisa de 20 varas distante [22 metros], na estrada da quinagosta que ia para o Fujacal. Era de formato quadrado, de pedra de esquadria, com 20 palmos de cada lado [4,4 metros]. Servia para lavar nele a gente do povo. A água deste tanque vinha do quintal das casas do Cónego João Soares Monteiro. As vertentes iam para os prados que estavam nas costas da dita fonte de tras de São Marcos.

### 18. Fonte de São João (Ponte de S. João)

A fonte de São João<sup>58</sup> estava além da ponte de Guimarães, logo por baixo dela, conjunta com o rio Velho [rio Este]. Era de charco, feita de parede quadrada. Estava metade coberta de padieiras de pedra, por cima. Tinha defronte da boca que fica para o Nascente uma fileira de pedras de esquadria e dela pegavam outras duas pelo Norte e Sul que fechavam a entrada da dita fonte para nela não entrarem as águas dos enxurros [das enxurradas] e ao Sul tinha uma fileira de pedras que serviam de assentos. Tal como já referido, a água desta fonte era excelente e das melhores da cidade, cujas pessoas a mandavam buscar a este sítio no tempo de Verão pela sua muita frescura e bondade.

### 19. Fonte de Santo Adrião\*

A fonte de Santo Adrião<sup>59</sup> localizava-se na carreira que antigamente se chamava dos namorados, na atual Rua de Santo Adrião, que sai de Braga em direção ao Sameiro. Atualmente ainda lá se encontra. Era formada de um pano de esquadria com seu friso, cornija e arquitrave, tem uma cruz primacial quadrada em cima metida no meio de 2 pirâmides. Estava quase virada ao Sul. Lançava a água por uma bica de bronze metida na boca de uma carranca, para um tanque de esquadria com moldura, que tinha 11 palmos de comprimento [2,2 metros], 4 de largo [0,8 metros], e 3 de alto [0,6 metros]. A água desta fonte nascia dentro da Quinta de Manuel Pimentel de Araújo e as vertentes do tanque voltavam para a mesma quinta.

### 20. Fonte dos Galos

A fonte dos galos<sup>60</sup> estava além do rio d'Este conjunta ao mesmo rio, logo da outra parte dos moinhos do mesmo nome dos galos. Atualmente ainda aí se encontra. Era formada de um pano de esquadria com moldura, em cima da qual tinha

---

<sup>57</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 105v.

<sup>58</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 106.

<sup>59</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 106.

<sup>60</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 106.

*uma cruz de pedra sobre um calvário da mesma imitação dos montes. Lançava água para uma bica de ferro metida na boca de uma carranca, sobre a qual no pano da mesma fonte estão dois galos esculpidos de meio relevo, donde ela toma o nome e também os moinhos. A água da bica caía em um pátio de pedra e dele se recolhia ao rio d'Este, pelos lados do qual pátio que ficavam ao Norte e Sul tinha assentos de esquadria de cuja pedra também era formado o dito pátio. Esta fonte estava confronte este com a frente ao Poente. A água desta fonte era das melhores e mais excelentes da Província e nascia no público, logo conjunto dela.*



Figura 14. Fonte dos Galos.

## 21. Fonte do Arcebispo (Parque de S. João da Ponte)\*

A fonte chamada do Arcebispo<sup>61</sup> estava na coutada, além da fonte de S. João e da Capela do mesmo santo, no atual Parque de S. João da Ponte. Era formada de um pano de esquadria com sua moldura, friso e arquitrave. Tinha uma cruz quadrada em cima, no meio de duas pirâmides. Tinha no meio do pano as armas do ilustríssimo senhor D. Frei Agostinho de Jesus. Lançava a água pela boca de um bicho de pedra, a qual era recolhida num tanque de 11 palmos de comprido, [2,2 metros] 4 de largo [0,8 metros] e 3 de alto [0,6 metros], todo de esquadria com suas molduras. Estava virada para Nascente e na ponta dela tinha um pátio também de esquadria, algum tanto arruinado e pelos lados dele assentos de pedra também de esquadria com alguma ruína, todos com seus encostos. A água desta fonte nascia na coutada distante dela 56 varas [61,6 metros], donde vinha para a dita fonte por canos de pedra.

## 22. Fonte das Lages

A fonte das Lages<sup>62</sup> localizava-se na antiga Rua Paymanta (atualmente integrada na Rua Conselheiro Lobato) defronte das casas que no dito sítio tinha Pedro da Cunha Soto Mayor, alcaide-mor desta cidade aquém do rio d'Este. Lançava água por

<sup>61</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 106v.

<sup>62</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 106v.-107.



*uma bica feita em uma pedra de esquadria que teria perto de 5 palmos de comprido [1,1 metros] e para ela vinha por canos de pedra desde o seu nascimento que ficava perto da dita fonte em distância de 6 ou 7 varas [6,6 ou 7,7 metros] no público. As vertentes desta fonte iam para o rio d'Este.*

### **23. Fonte dos Pelames (1)\* antes da Ponte dos Pelames (S. Geraldo)**

*A fonte dos pellames<sup>63</sup> situava-se aquém da ponte dos pellames, ao fundo da atual Rua de S. Geraldo, junto do mesmo rio d'Este. Era de charco, feito na terra. A água nascia debaixo da calçada da rua dos pellames ao pé da mesma ponte. Não tinha obra alguma de arte mas toda da natureza. Era publica e dela se aproveitavam os vizinhos. A sua água era excelente, cujas vertentes iam para o rio d'Este.*

### **24. Fonte dos Pelames (2)\* depois da Ponte dos Pelames (S. Geraldo)**

*A fonte dos pellames<sup>64</sup> estava da outra parte da ponte além do rio D'Este, entre ela e os moinhos de António Machado de Almada, que hoje são da viúva, que ficou do mestre de campo Vicente Huet. Era de charco, coberta de padieiras de pedra. Tinha em toda, pela parte do Norte, Sul e Poente uma parede e da parte do Nascente estava aberta e só tinha um degrau de pedra por onde se descia para ela. Estava toda no público.*

### **25. Fonte de Urjais\***

*A fonte de urjais<sup>65</sup> era de pedra de cantaria e estava quase igual com a terra. Lançava água por uma bica de pedra que tem seu nascimento junto da mesma fonte, no qual tem uma arca coberta de uma grade de pedra, da qual vai por canos de pedra a dita água para a dita bica e se recolhia num tanque pequeno de esquadria, que tinha 6 palmos de comprido [1,32 metros], 4 de largo [0,88 metros] e 1 de alto [0,22 metros] ou pouco mais ou menos, por estar quase destruído.*

### **26. Fonte de S. Pedro de Maximinos**

*A fonte de São Pedro de Maximinos<sup>66</sup> situava-se logo por baixo da antiga igreja de São Pedro de Maximinos, nas proximidades da atual Praceta Padre Sena Freitas, em Maximinos. Era feita de um pano de esquadria com seu friso, cornija e arquitrave e três pirâmides em cima. Estava metida na parede da horta de baixo do Abade de São Pedro de Maximinos, na quingosta que passava entre ela e o campo do passal*

---

<sup>63</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107.

<sup>64</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107.

<sup>65</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107.

<sup>66</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107-107v.

*ou pomar da residência do mesmo abade. A água nascia dela em distância de 8 varas [1,76 metros], mais ou menos, e daí ia encanada para a dita fonte, a qual era lançada pela boca de um bicho e recolhida em um tanque baixo de esquadria, que teria 2 palmos de alto [0,44 metros]. Estava meio subterrânea e descia-se para ela por dois degraus.*

### **27. Fonte de Pereiras (Maximinos)\***

*A fonte de pereiras<sup>67</sup> localizava-se junto do lugar de pereiras, na mesma freguesia de São Pedro de Maximinos, metida entre uma quingosta. Era natural e não tinha obra alguma de artífice. Nascia entre uns penedos. Era baixa e quase fazia uma poça. Servia somente para a gente do povo lavar roupa e outras coisas.*

### **28. Fonte do Penedo (Maximinos)\***

*A fonte do penedo situava-se por baixo do lugar do penedo, da mesma freguesia de São Pedro de Maximinos, para a parte do Norte dele. Era de charco coberta de padieiras e dela se tirava a água com cântaros, por não ter bica e estar igual com a terra. Nascia a água dela no mesmo lugar e estava toda no público por debaixo da horta de Jerónimo Lopes da Freguesia de Cabreiros, que era prazo de Nossa Senhora da Oliveira da Vila de Guimarães.*

### **29. Fonte de Cones (Maximinos)\***

*A fonte de cones<sup>68</sup> estava no lugar de cones, na freguesia de São Pedro de Maximinos. Era tosca e a água saía por uma bica de pedra, metida na parede de um campo que possuía Maria Francisca, já defunta, e naquele tempo possuía um sobrinho que morava no Couto de Tibães. A bica estava por cima do rego da água que vinha da fonte do penedo. Nascia a água desta fonte dentro do dito campo que possuía Maria Francisca e aí era de charco. Do seu nascimento vinha por canos de pedra descobertos até à dita bica.*

### **30. Fonte de São Frutuoso (Real)\***

*A fonte de São Frutuoso<sup>69</sup> estava metida na parede da cerca dos religiosos capuchos e dela saía por uma pedra lisa aonde tinha uma bica de bronze, e se recolhia em uma pia quadrada pequena de esquadria. As vertentes iam da dita pia para dentro do convento. A água desta fonte nascia por baixo de um campo da Quinta de Diogo e Bravo de Menezes distante dela coisa de 120 varas [22 metros] de donde vinha*

<sup>67</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107v.

<sup>68</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107v.

<sup>69</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 107v.-108.

*encanada por canos de pedra em parte chãos e em parte por cima de paredes e junto da mesma fonte no terreiro da Igreja de S. Frutuoso passava por um novo arco de esquadria, que atravessava o caminho que vinha de São Lourenço da Ordem para o mesmo convento de S. Frutuoso e freguesia e igreja de São Jerónimo. Esta água e aqueduto meteu-o o arcebispo, o senhor D. Diogo de Sousa para os religiosos do dito convento de S. Frutuoso, e para o povo, para o que mandou fazer um cano de fonte neste lugar de pedra de esquadria com seu tanque também de esquadria e depois do serviço ao povo, a que sobejava ia para dentro do convento para os religiosos, os quais fizeram haverá 5 anos [a contar da data do Livro da cidade] e se aproveitaram da pedra e reformaram a dita fonte e aunque agora está e somente dela deixaram as armas do dito ilustríssimo prelado que estão na dita fonte e as meteram sobre a dita bica incorporadas na dita parede da sua cerca. Esta fonte ainda existe atualmente.*



Figura 15. Fonte de São Frutuoso.

### 31. Fonte de São Jerónimo (Real)\*

A fonte de S. Jerónimo<sup>70</sup> localizava-se atrás da Igreja Matriz do mesmo santo. Era de charco, metida em um arco sobre que assentava um pano, tudo de esquadria, com sua moldura e suas ameias em cima. Tinha no meio, por cima do arco, as armas do ilustríssimo D. Diogo de Sousa. Era quase subterrânea. Tinha parede tosca ao redor para a defender das águas dos enxurros, com sua entrada e dela se descia para a dita fonte por seis degraus de pedra.

### 32. Fonte de São Tiago (Rua da Boavista)

A fonte de São Tiago<sup>71</sup> localizava-se na rua da Cónega, atual Rua da Boavista. Era formada por um pano de esquadria com moldura e cinco ameias. Por cima, no meio, tinha um nicho com uma imagem de São Tiago. Por baixo dele tinha as armas

<sup>70</sup> A.M.B., Livro da Cidade, fl. 108-108v.

<sup>71</sup> A.M.B., Livro da Cidade, fl. 108v.

*do ilustríssimo D. Diogo de Sousa, com um letreiro que diz «Didacus a Sousa Arcebispos 1531». Por baixo deste letreiro estava meio corpo de um bicho, por cuja boca saía a água, que era recolhida num tanque de esquadria, com moldura, que tinha de comprido 18 palmos [3,96 metros], com seus assentos, os quais ambos terão 20 palmos de comprido [4,4 metros] com seus frisos por cima. Esta fonte estava virada para o Norte e a água dela nascia para a parte do Poente, dentro da quinta de Sebastião de Faria Machado. Tinham, uma da outra, em distância de 120 palmos [26,4 metros], pouco mais ou menos.*

### 33. Fonte da Naya (Maximinos)\*

*A fonte da Naya<sup>72</sup> localizava-se na estrada que ia para a Vila de Barcelos. Era feita de um pano de esquadria, pequeno, com um nicho no meio. Junto ao chão, aonde tinha uma bica da qual cai a água, em duas pias pequenas que estavam ao nível da terra. A água desta fonte nascia da parte de dentro de um campo que estava por detrás dela que possuía Teotónio Ferreira, ourives desta cidade, com o qual trazia o senado demandas sobre ela por as divertir [desviar]. As suas vertentes iam para a quinta da Naya ao beneficiado António Mendes.*

Como podemos verificar pela descrição realizada, a proveniência da água para as referidas fontes é bastante diferenciada, podendo vir diretamente da caixa geral da cidade, como ocorre com a Fonte de São Sebastião, mas, também de outras fontes (conforme acontece com as fontes do Campo das Hortas, da Praça do Campo de Touros ou de S. Francisco) e de chafarizes como a água da Fonte do Cavalinho da Porta do Souto. Fontes há que são abastecidas por água captada em poços (Fonte da Porta Nova de Sousa) ou que se localizam junto da própria nascente (fontes de Nossa Senhora a Branca e de trás de S. Marcos). Esta última situação é a mais frequente para as fontes localizadas na periferia da cidade.

Atualmente, uma percentagem significativa das fontes de água mencionadas para o século XVIII está desativada ou já não existe *in situ*. De facto, algumas foram mudadas de lugar, como é o caso da fonte mandada erguer por D. Diogo de Sousa junto ao Hospital de S. Marcos, nos Granjinhos, que atualmente se encontra junto da Igreja de São Sebastião, ou da Fonte da Porta do Souto, mandada construir pelo arcebispo Frei Agostinho de Jesus, nos finais do século XVI, que atualmente está no Campo das Hortas. Outras há que se encontram desativadas e ocultas como é o caso das fontes de S. Geraldo, da Carcova ou da Senhora-a-Branca. Por exemplo, a Fonte da Porta Nova de Sousa, localizada junto da Praça

---

<sup>72</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, fl. 108v.-109.

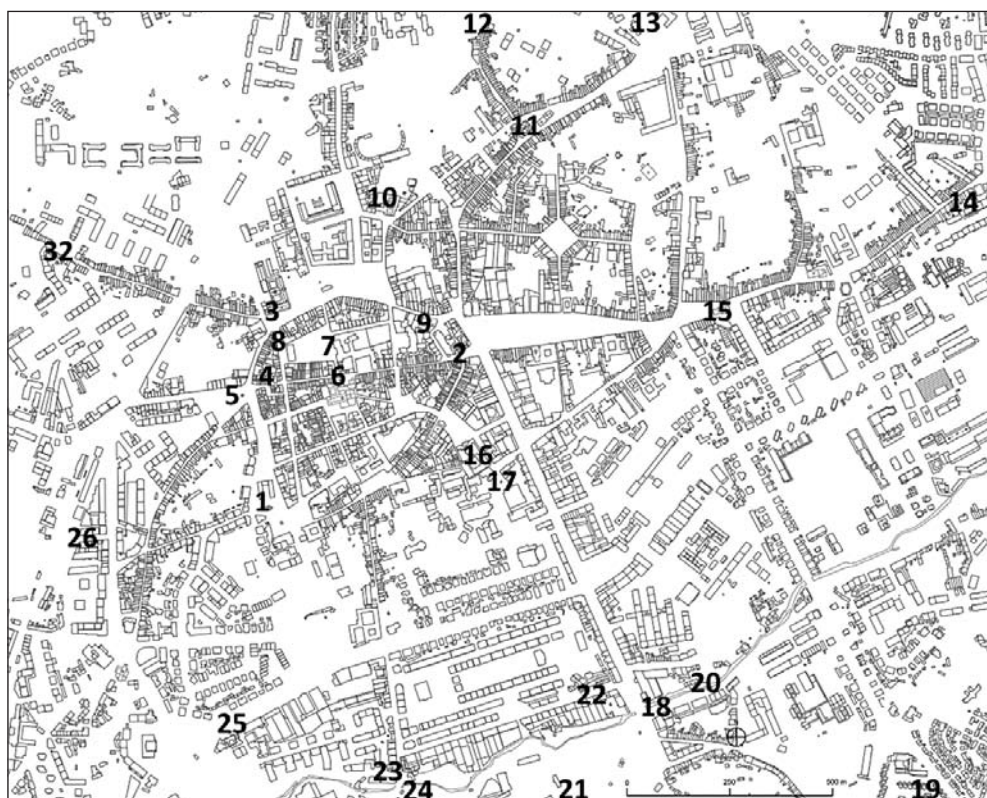


Figura 16. Mapa da cidade com a localização das fontes referidas no *Livro da Cidade*.

da Porta Nova, encontra-se integrada no edificado atual, sobrevivendo dela apenas um tanque e algumas condutas de água, como se pode observar na imagem 8. Contudo, o cruzamento de diferentes fontes de informação permite obter uma imagem muito aproximada da referida fonte. Refira-se, por exemplo, a sua representação no *Mapa de Braunio*, no *Mapa da Cidade de Braga Primas* e no *Mapa das Ruas de Braga*.

Das fontes que se conservam ativas e *in situ* refira-se a Fonte de São Tiago, mandada construir por D. Diogo de Sousa, na Rua da Boavista, antiga Rua da Cónega e a Fonte dos Galos, perto da Ponte de S. João, junto ao rio Este.

A água do abastecimento público assistia os diferentes aspetos da vida da urbe, servindo a das fontes e chafarizes para as pessoas beberem mas, também, para uso doméstico e para os animais. Posteriormente, a água sobranete era distribuída para outras fontes e chafarizes públicos e para distintos locais da cidade, como para o Hospital de S. Marcos ou para as diversas instituições religiosas, nomeadamente, os conventos do Salvador, do Carmo, ou da Conceição. Essa água era, igualmente,



distribuída para a cozinha e hortas o Paço dos Arcebispos, mas também para as casas e hortas de particulares.

Por fim, merecem referência as descrições realizadas no *Livro da Cidade* relativas a algumas fontes de água, as quais oferecem, igualmente, outro tipo de dados extremamente importantes, relacionados com a história da cidade. Um bom exemplo é constituído pela informação que acompanha a Fonte de São Sebastião, que diz que naquele local

*Entre esta fonte e a capela de S. Sebastião esta uma mesa de pedra quadrada sobre um pé da mesma, de quatro palmos de alto, cuja mesa tem um letreiro em volta que consta de quatro palavras cada uma em seu quadro que diz Bracara augusta fidelis antiqua e esta mesa e letreiro são as armas antigas da cidade. Ao redor desta fonte de defronte da porta principal da capela de São Sebastião há vários socalcos e assentos com uma famosa devesa de carvalhos e choupos e plátanos que todos, entre novos e velhos, são 145 pés, é tudo pertença do senado que tudo fabrica por sua conta<sup>73</sup>.*

Segundo Argote (Argote, 1732-34: 234) as letras da referida inscrição encontravam-se no plano da mesa e quando, no ano de 1625, foi feita ali a fonte, foram mudadas para a volta da mesa. No seu entender, a inscrição era somente *Bracara Augusta* tendo o resto sido acrescentado na altura da alteração. Estes dados, associados ao local em que se encontram, ajudam a comprovar a localização do *forum* da cidade romana naquele local, correspondente ao atual Largo Paulo Orósio, muito embora seja difícil precisar a função que a referida pedra poderia ter possuído no contexto daquele espaço.

#### 4. CONCLUSÃO

O *Livro da Cidade* constitui um importante documento para o estudo do abastecimento de água à cidade de Braga durante o século XVIII, oferecendo informações significativas acerca dos locais onde era captada, dos meios utilizados no seu transporte para o reservatório geral, assim como acerca da sua posterior distribuição para chafarizes, fontes, tanques, edifícios públicos e privados. Trata-se, de facto, de um precioso instrumento de trabalho que permite, igualmente, levantar várias hipóteses para futuras investigações. Referimo-nos, concretamente, à necessidade de realizar escavações arqueológicas que permitam comprovar o trajeto exato dos aquedutos que captavam a água nas nascentes de Montariol, Sete Fontes e Gualtar, bem como a antiguidade das suas condutas. O mesmo se poderá dizer relativamente à rede de distribuição urbana. Na verdade, apesar de o documento fornecer

<sup>73</sup> A.M.B., *Livro da Cidade*, Vol. 1, fl. 101.

uma imagem bastante detalhada da rede de distribuição urbana de abastecimento de água à cidade para o século XVIII, a definição do trajeto exato dos aquedutos carece de comprovação material e, por conseguinte, arqueológica.

Através da breve abordagem realizada aos antecedentes do abastecimento de água à Braga setecentista podemos igualmente considerar a necessidade de se proceder a estudos mais sistemáticos relativos ao período medieval. Contudo, verificamos que os dados fornecidos pelo *Livro da Cidade* são igualmente importantes para a compreensão de alguns aspetos da cidade medieval.

O exercício de análise realizado neste trabalho procurou reforçar duas premissas a nível metodológico. A primeira relaciona-se com as vantagens decorrentes da utilização de variadas fontes de informação, designadamente, escritas, iconográficas e arqueológicas, as quais devem igualmente ser valorizadas juntamente com o edificado histórico, enquanto vestígio material sobrevivente. A este propósito refira-se, por exemplo, que muitos poços medievais e modernos subsistem ainda, integrados nos edifícios ou nos seus quintais, carecendo de um levantamento sistemático. A segunda, decorrente da longevidade ocupacional de Braga, valoriza a pertinência da realização de análises regressivas à estrutura do espaço urbano e, consequentemente, ao sistema de abastecimento de água à cidade. De facto, os resultados apresentados contribuem para o estudo de alguns aspetos do urbanismo bracarense, assim como para a análise da cidade de Braga na longa duração.

O estudo do abastecimento de água à cidade de Braga desde a sua origem até aos nossos dias carece ainda de um esforço de investigação sistemática que deverá ser conduzido por diferentes especialistas que se debruçam sobre as questões urbanas, sendo de destacar a importância dos estudos e dos contributos de arqueólogos e historiadores.

Em termos gerais podemos concluir que a rede de abastecimento de água à cidade, em 1737, era bastante ampla e eficaz, abarcando uma área geográfica que ia muito para além do núcleo urbano cercado pelas muralhas medievais. Esta situação constitui o resultado do forte investimento levada a cabo pela Câmara, desde finais do século XVII, e por alguns arcebispos. Refira-se que as obras do arcebispo D. José de Bragança, nas Sete Fontes, são posteriores à situação caracterizada no *Livro da Cidade*.

A beleza e o requinte, mas, também, a quantidade de fontes e chafarizes existentes nos inícios do século XVIII na cidade de Braga são indicadores das grandes alterações que decorriam no espaço urbano, fruto da aplicação dos ideais estéticos, primeiro, renascentistas e, posteriormente, barrocos. Ambos os equipamentos, fontes e chafarizes, foram utilizados recorrentemente pelos poderes civil e religioso, contribuindo para que Braga se constituísse numa das mais importantes cidades barrocas portuguesas.

## BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1989-91). *Mapa das Ruas de Braga*, 2 volumes, Braga: Arquivo Distrital de Braga / Universidade do Minho e Companhia IBM Portuguesa.
- Adam, J. P. (1994). *Roman Building. Materials and Techniques*, R. T. Batsford Ltd, London.
- Álvares Asorey, R.; Carreño Caseón, M. C. & Gonsálvez Fernández, E. (2001). *Aqua Urbi. Historia do abastecimento de auga á cidade de Lugo (época romana-século XX)*, Traballos de Arqueoloxía 1, Lugo.
- Argote, J. C. (1732-34). *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga. Primaz das Hespanhas*, Vol. I, II, III e IV, Lisboa: Lisboa Occidental.
- Capela, J. V. (2003). *As freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista*. Braga: FCT/UM. <http://hdl.handle.net/1822/11885>.
- Cardoso, L. (1761) *Diccionario geográfico*, Tomo 2, Of. Sylviana, Lisboa, pp. 247-272 (texto sobre Braga).
- Carvalho, H. e Ribeiro, M. C. F. (2009). «Bracara Augusta et son territoire. Une approche autour de l'aménagement de l'eau». *Colloque International Aménagement et exploitation des zones humides depuis l'Antiquité. Approches comparées en Europe méditerranéenne et continentale*, Maison des Sciences de l'Homme de Clermont-Ferrand (11-13 juin 2009) (no prelo).
- Caseiro, C.; Pena, A. e Vital, R. (1999). *Histórias e outras memórias do Aqueduto das Águas Livres*, Lisboa: EPAL.
- Costa, A. J. (1993). «D. Diogo de Sousa – Novo fundador de Braga e grande Mecenaz da Cultura», *Separata do Livro de Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 Anos de Dedicção da Catedral*, Braga: pp. 15-118.
- Ferreira, J. A. (1928-1934) *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (séc. III-XX)*, 4 volumes, Braga: Mitra Bracarense.
- Fontes, L.; Lemos, F. S. e Cruz, M. (1997-98) «“Mais Velho” que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: noticia preliminar», *Cadernos de Arqueologia*, Vol. 14/15, série II, pp. 137-164, Braga.
- Fontes, L.; Martins, M.; Ribeiro, M. C. F. e Carvalho, H. P. (2010). «A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII», *I Congreso Internacional Espacios urbanos en el occidente mediterráneo, entre los siglos VI-VIII*, Toletum Visigodo, pp. 255-262.
- Freitas, B. J. S. (1890). *Memórias de Braga*, Braga: Imprensa Católica.
- Garrido Elena, A.; Mar, R. e Martins, M. M. (2008). *A Fonte do Ídolo. Análise, interpretação e reconstituição do monumento*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2008 (Bracara Augusta, Escavações arqueológicas, 4).
- Lemos, F. S.; Leite, J. M. F.; Bettencourt, A. M. S. e Azevedo, M. (2003). «O balneário pré-romano de Braga», *Al madan*, 12, Lisboa, pp. 43-46.
- Marques, J. (1980). «D. Fernando da Guerra e o abastecimento de água à cidade de Braga no 2.º quartel do século XV», *Mínia*, Vol. 3 (4), 2.ª série, Braga: pp. 127-138.

- Marques, J. (1982). «Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1185-1545)», *Bracara Augusta*, Vol. XXXVI (Jan-Dez), N.º 81-82 (94-95): pp. 71-20.
- Martins, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, «Cadernos de Arqueologia, Monografias 5».
- Martins, M. (2000). *Bracara Augusta cidade romana*, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M. (2004). «Urbanismo e Arquitectura de Bracara Augusta. Balanço dos contributos da Arqueologia Urbana», Ruiz de Arbulo, J. (ed.), *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del occidente europeu. Estudios Arqueológicos*, Tarragona: Consorcio Urbium Hispaniae Romanae, Museu d'Història de Tarragona, pp. 149-173.
- Martins, M.; Meireles, J.; Fontes, L.; Ribeiro, M. C.; Magalhães, F.; Braga, C. (2012). *A água. Um património de Braga*. Braga: UAUM/CITCEM.
- Maurício, R. (2000). *O mecenato de D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga (1505 1532)*, Vol. I e II, Urbanismo e arquitectura, Lisboa: Magno Edições.
- Mays, L. W. (ed.) (2009). *Ancient Water Technologies*. Arizona State University: School of Sustainable Engineering and the Built Environment.
- Ribeiro, M. D. C. F. (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma A metodologia de análise para a leitura da evolução do espaço urbano*, Tese de Doutoramento em Arqueologia, Área do conhecimento em Arqueologia da Paisagem e do Povoamento. Universidade do Minho (policopiado).
- Rossa, W. (1989). *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença.

**RESUMO:** Este artigo constitui um contributo preliminar para o estudo do abastecimento de água à cidade de Braga na Idade Moderna, tendo por base a análise do *Livro da Câmara Secular de Braga*, datado do século XVIII. Entre vários aspetos pretendemos destacar a importância do cruzamento de fontes variadas, designadamente escritas, materiais, iconográficas e cartográficas para o estudo desta temática, a necessidade de realizar estudos contextualizados com abordagens metodológicas multidisciplinares e perspetivas conceptuais diacrónicas e mostrar a importância do estudo do abastecimento da cidade na Idade Moderna como meio para a compreensão do seu abastecimento desde a Antiguidade. Em particular serão analisados aspetos concretos da rede de abastecimento de água à cidade setecentista, onde se destacam a caixa geral das águas, os chafarizes e fontes de água, bem como os pontos onde a água era captada e os locais para onde era distribuída.

**Palavras-chave:** Água, Braga, Idade Moderna.

**ABSTRACT:** This article is a preliminary contribution to the study of Braga water supply in the Modern Ages founded on the analysis of the *Livro da Câmara Secular de Braga*, produced in the eighteenth century. Among other issues we want to emphasize the importance of crossing different sources, including written, material, iconographical and cartographic ones, the necessity to conduct contextual studies with a multi-disciplinary methodology and a conceptual diachronic perspective and also to show the importance of modern water supply studies in order to understand water supply in the city since Antiquity. In particular some aspects of water supply network to the city in the eighteenth century will be discussed, mainly the general case of water, the fountains and water sources, as well as the points where the water was captured and the places where it was distributed.

**Keywords:** Water, Braga, Modern Age.